

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PAULA APARECIDA LOPES DA LUZ**

**CONHECIMENTO EMPÍRICO SOBRE A ANUROFAUNA NA ZONA RURAL DO
MUNICÍPIO DE PONTE NOVA – MG.**

**VIÇOSA– MG
2025**

PAULA APARECIDA LOPES DA LUZ

**CONHECIMENTO EMPÍRICO SOBRE A ANUROFAUNA NA ZONA RURAL DO
MUNICÍPIO DE PONTE NOVA – MG.**

Monografia, apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Biológicas.

Orientador: Oswaldo Pinto Ribeiro Filho.

VIÇOSA – MG

2025

PAULA APARECIDA LOPES DA LUZ

**CONHECIMENTO EMPÍRICO SOBRE A ANUROFAUNA NA ZONA RURAL DO
MUNICÍPIO DE PONTE NOVA – MG.**

Monografia, apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Biológicas.

APROVADA: 10 de fevereiro de 2025.



Dr. Renato Neves Feio



Ms. Letícia Soares Fraga



Dr. Oswaldo Pinto Ribeiro Filho

Orientador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada, amigos, familiares e professores, vocês foram minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal de Viçosa, por me fornecer a oportunidade da formação em um curso esplêndido e me permitir trilhar a jornada mais linda de minha vida.

Ao Departamento de Biologia Animal, pelo acolhimento e pelas capacitações essenciais em minha jornada acadêmica.

A banca que se dispôs a participar da defesa desse trabalho e que contribuiu para a finalização desse trabalho.

A minha querida mãe, Angelita Lopes, meu alicerce em todos os momentos. Sua força, apoio incondicional e presença constante foram fundamentais para que eu pudesse trilhar esse caminho. À minha doce avó, que, embora não esteja mais presente fisicamente, continua sendo uma grande fonte de inspiração em minha vida.

Ao meu irmão, Paulo, pelo apoio e ao meu querido amor, Júlio, minha gratidão por estar ao meu lado, me incentivando e me dando força para seguir adiante, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Agradeço imensamente aos professores Rômulo Ribon, Juliana Rocha Lopes, Marly Duffles e Renato Feio, que não apenas me guiaram ao longo dessa jornada acadêmica, mas também acreditaram no meu potencial e me incentivaram a alcançar meus objetivos.

Aos amigos Bruno Gomides, Cláudia Helena, Laís Graciano, Nicole Lima e Thaynara Carvalho, que estiveram comigo nos momentos em que pensei em desistir, minha eterna gratidão por cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada incentivo que me ajudaram a continuar e a chegar até aqui.

Ao professor Oswaldo Pinto Ribeiro Filho, meu orientador, que me acolheu e acompanhou comigo minha trajetória na Universidade Federal de Viçosa desde 2017, quando decidi sair da Zootecnia e ir para a Biologia. Você foi a primeira pessoa a qual contei sobre minha decisão e que me apoiou incondicionalmente. E você me ensinou o amor pelos anfíbios. A você professor, meu muito obrigado.

A todos vocês, que contribuíram de maneira única e especial para essa conquista, deixo meu mais profundo "muito obrigada". Este trabalho é fruto não apenas do meu esforço, mas também do amor, apoio e ensinamentos de todos vocês.

RESUMO

LUZ, Paula Aparecida Lopes, Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2025. LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA ANUROFAUNA: UMA PERSPECTIVA DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTE NOVA – MINAS GERAIS. Orientador Oswaldo Pinto Ribeiro Filho.

O presente trabalho acadêmico abordou o conhecimento empírico a respeito da anurofauna na zona rural e nos bairros que possuem áreas de mata preservada do município de Ponte Nova – Minas Gerais, através de um levantamento com pequenos produtores rurais responsáveis pela agricultura familiar, tendo como metodologia a realização de entrevistas através de questionamentos objetivos sobre a ocorrência de anuros na região, o conhecimento da população sobre esses animais e as alterações observadas pela população ao longo dos anos, contando com perguntas relacionadas as alterações na ecologia dos locais e a significância de tais mudanças para a região.

Palavra-chave: Anurofauna, conhecimento popular, ecologia local.

ABSTRACT

LUZ, Paula Aparecida Lopes, Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2025.
LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA ANUROFAUNA: UMA PERSPECTIVA DA
POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTE NOVA – MINAS GERAIS. Orientador
Oswaldo Pinto Ribeiro Filho.

This academic work addressed empirical knowledge about anurofauna in rural areas and in neighborhoods that have areas of preserved forest in the municipality of Ponte Nova – Minas Gerais, through a survey of small rural producers responsible for family farming, using as methodology : conducting interviews using objective questions about the occurrence of anurans in the region, the population's knowledge about these animals and the changes observed by the population over the years, including questions related to changes in the ecology of the locations and the meaning of such changes to the region.

Keywords: Anurofauna, popular knowledge, local ecology.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Mapa da cidade de Ponte Nova - Minas Gerais..... | 21 |
| Figura 2. Localidades dos entrevistados | 22 |
| Figura 3. Presença de anfíbios na região | 25 |
| Figura 4. Locais relatados pela população para ocorrência de anfíbios..... | 28 |
| Figura 5. Época do ano onde há maior incidência de anuros | 29 |
| Figura 6. Localidades onde moradores informaram aumento da população de anuros | 30 |
| Figura 7. Aprendizado sobre anuros..... | 40 |
| Figura 8. Macho de rã touro | 51 |
| Figura 9. Rã-Pimenta | 52 |
| Figura 10. Rã manteiga | 52 |
| Figura 11. Sapo cururu | 53 |
| Figura 12. Sapo Martelo | 53 |
| Figura 13. Sapo Bode | 53 |
| Figura 14. Perereca de Esmalte..... | 54 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Temáticas abordadas e perguntas relacionadas | 24 |
| Quadro 2. Data da observação de anuros e número de participantes que observaram anuras | 26 |
| Quadro 3. Reconhecimento percentual de anfíbios anuros | 33 |
| Quadro 4. Percepção dos entrevistados | 35 |
| Quadro 5. Relatos e correlações científicas..... | 36 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 JUSTIFICATIVA | 13 |
| 3 OBJETIVOS | 14 |
| 4 REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 4.1 Perspectiva histórica dos estudos de Anuros em Minas Gerais | 15 |
| 4.2 Pesquisa e obtenção de dados através do conhecimento empírico | 15 |
| 4.3 Anfíbios anuros | 17 |
| 4.4 A caça e a cultura de consumo da carne de Rã | 17 |
| 4.5 A percepção da população: mitos e crenças sobre os anfíbios | 18 |
| 4.6 Compreensão sobre animais venenosos x peçonhentos..... | 19 |
| 5 MATERIAIS E MÉTODOS | 21 |
| 5.1 Locais de pesquisa | 21 |
| 5.2 Coleta de dados | 22 |
| 5.3 Instrumentos da pesquisa..... | 23 |
| 5.4 Análise de dados..... | 23 |
| 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 24 |
| 6.1 Caracterização dos participantes | 24 |
| 6.2 Temática 1: contato direto ou indireto com anfíbios anuros | 25 |
| 6.2.1 Sobre a existência de anfíbios anuros na região onde moram | 25 |
| 6.2.2 Sobre a última observação desses anuras pelos entrevistados | 26 |
| 6.2.3 Sobre o consumo de carne de rã | 27 |
| 6.3 Temática 2: questões ambientais relacionadas a anurofauna | 28 |
| 6.3.1 Percepção em relação ao hábitat e aos hábitos de vida desses animais: ... | 28 |
| 6.3.2 Diminuição ou aumento desses animais ao longo dos anos..... | 30 |
| 6.3.3 Mudança nos ecossistemas | 31 |
| 6.4 Temática 3: Conhecimento acerca de anuros | 32 |
| 6.4.1 Anfíbios são animais perigosos? | 34 |
| 6.4.2 Histórias sobre sapos, rãs e pererecas | 35 |
| 6.4.3 Com quem os entrevistados aprenderam sobre esses animais..... | 39 |
| 7 CONCLUSÃO | 41 |
| 8 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO | 42 |
| ANEXOS | 50 |

1 INTRODUÇÃO

Os anfíbios são vertebrados pertencentes ao clado Tetrapoda, caracterizado por animais que possuem apêndices peitorais e pélvicos, geralmente adaptados ao ambiente terrestre (POUGH; HEISER; McFARLAND, 1999). A classe Amphibia é composta por três ordens: Gymnophiona, Caudata e Anura, sendo a última representada pelos sapos, pererecas e rãs, e a maior ordem dentro da classe. Os anuros em sua maioria, iniciam o ciclo de vida no ambiente aquático e, posteriormente, ocupam o meio terrestre. No entanto, a maioria das espécies continua dependente da água para processos fisiológicos essenciais, como a respiração e a reprodução (DUELLMAN; TRUEB, 1986).

Sabendo do atual declínio na população de anfíbios anuros, diversas pesquisas vêm sendo realizadas a fim de reunir informações sobre as possíveis causas da diminuição das espécies nativas de anuros.

Um fator relevante para compreensão dessa diminuição, é o estudo de caso sobre espécies invasoras, capazes de causar danos severos à biodiversidade. (LYONS & SCHWARTZ, 2001). A espécie exótica *Aquarana catesbeiana* (SHAW, 1802), popularmente conhecida como rã-touro é uma predadora voraz, tendo hábito alimentar generalista e uma alta capacidade reprodutiva (HECNAR & M'CLOSKEY, 1997), predando desde pequenos moluscos até outras espécies de anuros, além de competir por recursos e alimentos, o que contribui para a redução nas populações de espécies nativas de anuros. Outro fator relacionado a redução de anfíbios anuros é a degradação ambiental, que afeta os habitats, o ciclo de vida e a diminuição de presas.

Nas regiões urbanas, os avistamentos da anurofauna têm diminuído de maneira recorrente. Assim, estudos para compreensão dos biomas e da diversidade desses animais tem se concentrado a áreas de conservação de Mata Atlântica. Identificar o local de ocorrência de anuros é essencial para conhecimento da diversidade das espécies nativas presentes na região, entre elas a Rã Manteiga, *Leptodactylus latrans* (STEFFEN, 1815) e Rã Pimenta, *Leptodactylus labyrinthicus* (SPIX, 1824).

O presente estudo realizou um levantamento histórico sobre a anurofauna com a população da zona rural de Ponte Nova, focando nos conhecimentos empíricos locais. O uso desse conhecimento auxilia na compreensão das lacunas temporais e integra as informações científicas com o conhecimento popular, trazendo dados que não haviam sido abordados no município, como a abundância desses animais.

Ao analisar a região delimitada, foram coletadas informações com moradores locais sobre a ocorrência desses animais, por meio de relatos ou registros visuais. Essas informações são essenciais para entender melhor o comportamento e a distribuição da anurofauna na área, além de fornecer dados complementares que não são comumente registrados em estudos científicos convencionais.

Além disso, o estudo auxilia a compreender também questões socioculturais relacionadas à educação, como compreensão dos fatos científicos, mitos, crenças e consumo da carne de anfíbios pela população local. Dessa forma, torna-se possível desenvolver estratégias efetivas para a conservação das populações remanescentes desses animais, levando em conta o contexto cultural da região.

O conhecimento empírico desempenha um papel fundamental na compreensão das especificidades regionais, uma vez que complementa os saberes científicos com base nas observações realizadas pela população. Compreender o contexto das pessoas de uma região e sua cultura facilita a realização de análises científicas mais precisas e contextuais.

Além disso, a educação ambiental no âmbito rural e escolar, visa conscientizar as pessoas sobre a importância de cada animal para a preservação da biodiversidade. Nesse sentido, programas de capacitação devem ser implementados para que, tanto os moradores da zona rural quanto os estudantes da educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio, sejam capazes de reconhecer e identificar as espécies de anuros de interesse. Essa abordagem permite também que compreendam a importância dos anfíbios para o equilíbrio ecológico.

2 JUSTIFICATIVA

As perspectivas regionais da anurofauna podem auxiliar a preencher as lacunas temporais na região, em uma análise histórica a respeito da biodiversidade local e das populações anuras. Ao realizar um levantamento da biodiversidade local a partir da perspectiva da comunidade, é possível identificar não apenas a ocorrência atual dos anfíbios anuros, mas também as mudanças nas populações ao longo do tempo.

Um levantamento histórico regional é fundamental para preencher lacunas temporais e compreender como as populações de anuros variaram, ajudando a atualizar os dados existentes sobre esses animais. As observações feitas pelas populações locais são essenciais, pois fornecem informações valiosas sobre a percepção da redução ou aumento das espécies, além de colaborar com a construção de um panorama mais preciso da anurofauna e suas transformações na região.

3 OBJETIVOS

- Realizar um levantamento das populações anuras de acordo com as perspectivas históricas da região do município de Ponte Nova – MG;
- Documentar o conhecimento da população a fim de enriquecer as pesquisas científicas na área;
- Identificar a dificuldade da população frente ao conhecimento científico e quais fatores interferem nessa dificuldade;
- Conhecer as diferentes percepções da população em relação aos anfíbios anuros;
- Identificar as alterações sobre a abundância de anuros na zona rural do município ao longo dos anos;
- Conscientizar os entrevistados a respeito das populações de anuros regionais (espécies nativas) incentivando ações municipais de conservação dessas espécies de anuros.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Perspectiva histórica dos estudos de Anuros em Minas Gerais

Os estudos envolvendo a anurofauna em Minas Gerais tiveram início em 1824, com o naturalista Johann Baptist von Spix, nascido em 1781, em Höchststadt an der Aisch, território do Reino da Baviera – Alemanha. Spix descreveu a espécie *Hypsiboas albopunctatus*. A fauna de anfíbios e répteis no país foi estudada e publicada por Johannes Theodor Reinhardt e Cristian F. Lütken (REINHARDT & LÜTKEN, “1861” 1862) que foram responsáveis pela caracterização de cinco espécies que permanecem válidas a partir do material preservado que foi coletado na região. Sabe-se que os estudos e descrições de espécies de anuros seguiram-se com as pesquisas do Dr. Adolph Lutz, médico especialista em medicina tropical, que se interessou pelos estudos de anfíbios para complementar suas pesquisas na área da zoologia médica, tendo realizado identificação nas cidades de Belo Horizonte e Juiz de Fora (LUTZ, 1948). Bertha Lutz, filha de Adolph, trouxe a luz das pesquisas novas espécies descritas no Parque Nacional do Itatiaia (LUTZ & CARVALHO, 1958) e da região de Poços de Caldas (LUTZ, 1966, 1968). Por fim, o aumento de pesquisas taxonômicas em Minas Gerais teve avanço crescente com a Dra. Doris Cochran, a qual realizou redescrições de espécies ao longo do estado (COCHRAN, 1955).

4.2 Pesquisa e obtenção de dados através do conhecimento empírico

O conhecimento empírico é aquele que é obtido através das experiências cotidianas, sendo este formado pela junção de ideias, agrupando ensinamos geracionais e vivências, das quais são caracterizadas pelo senso comum. De acordo com TARTUCE (2006, p.6):

É o conhecimento obtido ao acaso, após inúmeras tentativas, ou seja, o conhecimento adquirido através de ações não planejadas. É o conhecimento do dia a dia, que se obtém pela experiência cotidiana. É espontâneo, focalista, sendo por isso considerado incompleto, carente de objetividade. Ocorre por meio do relacionamento diário do homem com as coisas. Não há a intenção e a preocupação de atingir o que o objeto contém além das aparências.

Ainda assim, reconhecer o empirismo como uma forma de conhecimento é essencial, pois o mesmo possui a capacidade de fornecer o ponto de partida de um

estudo, auxiliando na geração e validação de hipóteses, contextualização local dos resultados procurados. Além disso, o mesmo é capaz de fornecer lacunas no conhecimento atual utilizando a experiência prática. Tratando o conhecimento empírico como maneira de pesquisa qualitativa, LUDKE E ANDRÉ (2013), caracterizam tal forma de documentação de dados como o contato prolongado e direto do pesquisador com o ambiente e a situação a ser investigada:

- a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- b) os dados coletados são predominantemente descritivos;
- c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
- e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.12).

Catalogar os dados através das observações para obtenção do conhecimento local é uma forma privilegiada para conhecer o local de estudo em determinadas localidades onde estudos aprofundados de uma determinada área não foram executados.

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. "Ver para crer", diz o ditado popular. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

Sabendo disso, a utilização do conhecimento popular na pesquisa direcionada ao reconhecimento de espécies anuras podem levar a identificação da fauna local, devido às vivências, principalmente para determinar espécies que ocorrem com mais frequência e aquelas pouco avistadas.

POSSEY (1986), coloca o estudo da Etnobiologia como a ciência que estuda o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Seu estudo é determinante para conhecer o ambiente, a sociedade e as espécies de animais. Sendo assim, a etnobiologia utiliza a metodologia científica examinando a autenticidade dos saberes práticos relacionados a determinado

ambiente, visando a compreensão das práticas e influências locais sobre o ambiente natural (BARBOSA, 2007).

De acordo com WHYTE (1978), foram desenvolvidos métodos para pesquisas de campo, porém todas são baseadas em três princípios básicos, sendo eles: a observação, a escuta e realizar perguntas. Assim, torna-se possível compreender a complexidade dos questionários e dos participantes, conjugando as informações citadas de acordo com o objetivo deste estudo.

4.3 Anfíbios anuros

A anurofauna tem sido alvo de diversos estudos sobre alterações ambientais devido a suas características morfofisiológicas, uma vez que possuem grande vulnerabilidade às alterações que ocorrem no ambiente, sendo estes bioindicadores ambientais. De fato, o debate científico a respeito do declínio das populações envolve fatores relacionados à poluição, introdução de espécies invasoras, mudanças climáticas, fragmentação de habitats e a contaminação dos corpos d'água. (BORGES, 2007).

A morfologia dos anuros têm uma enorme variação, podendo-se encontrar espécies de pequeno porte como a *Brachycephalus didactylus* (IZECKSOHN, 1971), que possui cerca de 10 mm de comprimento e de espécies de grande porte como a Rã-touro, *Aquarana catesbeianus* (SHAW, 1802). O grupo dos anuros possui uma relação estrita com a água, por isso são pouco encontrados em regiões urbanas, ocorrendo prioritariamente em regiões de mata, próximos a lagos, rios, açudes e etc. (BORGES, 2007).

Os animais pertencentes à ordem anura são vulgarmente conhecidos como sapos, rãs e pererecas, sendo estes termos utilizados de maneira popular, reconhecidos através do caráter observatório, assimilando a pele e os hábitos desses animais, reconhecendo as variações morfológicas como característica de reconhecimento, como textura do tegumento e presença de estruturas (BORGES, 2007).

4.4 A caça e a cultura de consumo da carne de Rã

Quando falamos sobre as populações da zona rural e pequenos agricultores temos que evidenciar o consumo direto da carne de animais silvestres. Assim, o consumo da carne desses animais é a base da alimentação dessas comunidades,

tratando-se de proteínas (VAN VLIET et al. 2015). Dessa forma, compreender a cultura da caça em nosso país pode ser o grande diferencial para a conservação das espécies.

O consumo da carne de rã em nosso país possui registros iniciais com os povos originários (LIMA; CRUZ; MOURA, 1999). A criação em ranários teve seu início na década de 30, onde o consumo da carne era baixo e pouco conhecido. O aumento do consumo ocorreu com a introdução da rã-touro no país, das quais possuíam um tamanho maior do que as demais e possuíam maiores vantagens adaptativas em relação às espécies nativas. Esses fatores levaram a um grande desenvolvimento da espécie no país, que por sua vez, não possuíam predadores específicos além de se adaptar às condições climáticas que eram propícias para sua sobrevivência (FABICHAK, 1987). Porém, devido ao sucesso adaptativo da espécie, sua explosão no ambiente natural levou ao declínio das espécies nativas, devido ao seu hábito alimentar cosmopolita.

Para as populações da zona rural, a caça e o consumo da carne de rã são culturais e grande parte disso deve-se a costumes geracionais. Ademais, o mercado da carne de rã gira em torno do consumo esporádico, por fatores que variam desde a aparência do produto quanto ao alto valor da mesma. (WEICHERT; MELLO; ESPINDOLA, 2007).

4.5 A percepção da população: mitos e crenças sobre os anfíbios

O trabalho com a conscientização sobre a importância dos anfíbios é cercado por diversos estigmas relacionados a esses animais. A visão da população a respeito desses animais ainda é marcada pelas percepções culturais e sentimentos como nojo e medo. Embora sejam animais inofensivos, diversas superstições a respeito das espécies que compõem a anurofauna ainda são presentes culturalmente.

Assim, parte da redução no número desses animais tem sido causada pela interferência humana. Algumas culturas costumam utilizar esses animais como parte de rituais religiosos, muito utilizados pelos povos originários da Amazônia (MYERS ET AL., 1978; DALY ET AL., 1992). A vacina do sapo, como é popularmente conhecida é realizada utilizando a secreção cutânea da perereca Kambô (*Phyllomedusa bicolor*, BODDAERT, 1772), o ritual é conhecido pelo povo Katukina, que acredita que esse ritual permite aos guerreiros da tribo o afastamento dos maus presságios e os deixa mais fortes e dispostos (SOUZA et al., 2002; LIMA E LABATE, 2007). Existe ainda o

costume de “costurar o nome na boca do sapo”, como método mágico-religioso (eg. MEDEIROS, 2001; PIANCA, 2004; ROCHA ET AL. 2006; TRINCA & FERRARI, 2006; ALVES ET AL. 2007, ALVES E PEREIRA-FILHO, 2007).

Além disso, outros mitos cercam esses animais a respeito de sua urina: como resposta de fuga, anfíbios anuros costumam urinar quando se encontram ameaçados, porém, existe a crença de que essa urina é capaz de cegar o indivíduo que entrar em contato com a mesma e direcionar a mão aos olhos. Ainda há a crença sobre o “leite” do sapo, que, diferente da substância produzida pelos mamíferos, essa é produzida pelas glândulas paratíoides, repleta de alcalóides, que ao entrar em contato com os olhos também pode causar a perda da visão.

Sabe-se ainda que existe o costume de “jogar sal” no sapo para ver a carne tremer, o que ocasiona a morte do animal, uma vez que as espécies de anuros costumam realizar respiração cutânea e possuem a pele vascularizada e permeável. Sendo assim, se faz necessário compreender e trabalhar o conhecimento empírico da população a respeito desses animais, visando sua conservação e desmistificando saberes que podem auxiliar no declínio das populações.

4.6 Compreensão sobre animais venenosos x peçonhentos.

Quando abordado sobre a diferença entre animais venenosos e peçonhentos uma série de equívocos ocorrem, parte deles devido aos conhecimentos propagados pela população.

Para desmistificar a percepção populacional a respeito dos anuros, é preciso compreender a diferença entre os dois termos. Assim, o termo venenosos é utilizado para denominar animais que produzem veneno mas não possuem um órgão inoculador, como ferrão ou dentes. O envenenamento causado por esses animais podem ocorrer de forma passiva, ou seja, através do contato, compressão ou por ingestão do veneno, como por exemplo, os sapos e peixes como o baiacu. Já os animais peçonhentos, são aqueles que possuem as glândulas de veneno conectadas com um aparato inoculador, sendo esses dentes ou ferrões, tomando como exemplo as serpentes, os escorpiões, as abelhas e as aranhas.

Em geral, sapos são constantemente confundidos com animais peçonhentos e devido a falta de conhecimento, acabam sofrendo diretamente com a ação humana, em busca de se proteger de acidentes com as espécies. Devido a lendas e mitos repassados entre as gerações, principalmente em relação aos sapos, diversas

espécies de rãs e pererecas são mortas.

Assim, a educação ambiental se torna um parâmetro determinante para a conservação das espécies, principalmente se trabalhada no público infanto-juvenil e com adultos que já possuem convívio com esses animais, buscando fornecer através de imagens e capacitações com o uso de termos populares o conhecimento necessário para diferenciação de animais peçonhentos e que podem ocasionalmente causar acidentes com humanos.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Locais de pesquisa

A pesquisa foi realizada com a autorização do comitê de ética em sua versão 01, CAAE: 81736924.9.0000.5153, submetido em: 09/07/2024.

As entrevistas foram realizadas com moradores das seguintes áreas que compõem a região da zona rural da cidade de Ponte Nova: Comunidade do Cedro (Plus Code JXMM+38 Pte. Nova, MG), Comunidade do Gentio (G24G+46 Vau-Açu, Pte. Nova – MG), Rua Sargaço – bairro Rasa (-20.37787700082928, -42.90100473706773), Comunidade Santa Helena (20°27'50.26"S, 42°54'20.50"O),

Comunidade Massangano (20°28'6.01"S, 42°53'28.31"O), Comunidade Sesmaria (20°28'39.19"S, 42°57'1.72"O), Vau-Açu (20°31'21.35"S, 42°53'56.57"O), Rosário do

Pontal (20°20'39.44"S, 42°54'36.11"O) e Serra dos Pinheiros (20°20'2.42"S, 42°55'10.15"O). As pesquisas locais foram desenvolvidas ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2024 e janeiro de 2025.

O município de Ponte Nova faz parte da Bacia do Rio Doce e é banhado pelo Rio Piranga. O território da cidade é composto pela Mata Atlântica e o clima predominante é o tropical de altitude. A figura um representa um mapa da região de Ponte Nova, contendo as áreas da zona urbana e rural.

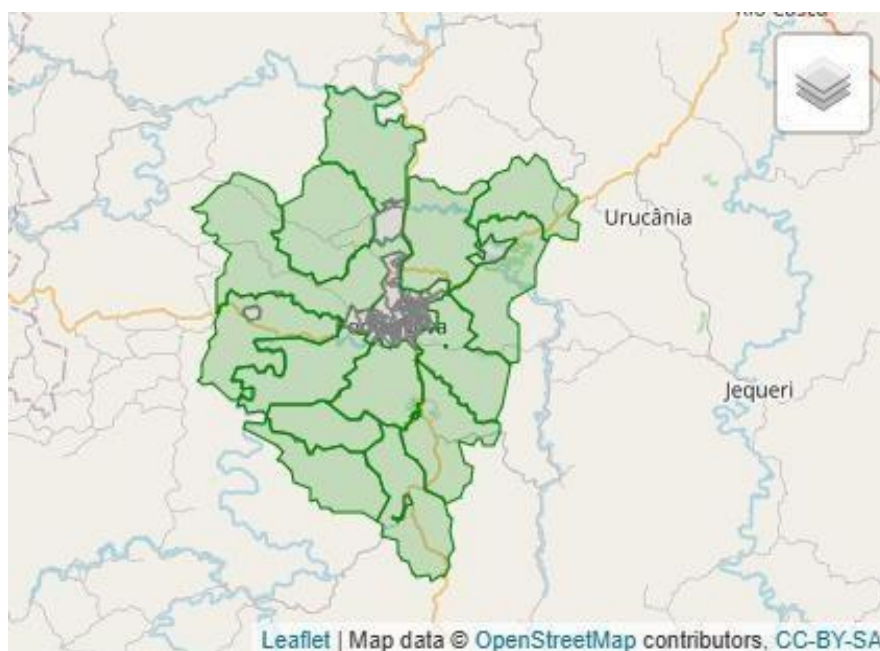


Figura 1. Mapa do município de Ponte Nova – MG.

Fonte: INFOSANBAS. Município de Ponte Nova – MG. Disponível em: <https://www.infosanbas.gov.br/>

://infosanbas .org .br /municipio /ponte -nova -mg/ . Acesso em: 10 jan. 2025.

A figura 2, além das localidades das comunidades dos entrevistados, ilustra as localidades aproximadas das fazendas e sítios isolados, esclarecidos pelos entrevistados, uma vez que algumas delas não estão marcadas pelo Google Earth.



Figura 2. Localidades onde residem os entrevistados que participaram das pesquisas.

Fonte: Google Earth.

5.2 Coleta de dados

A delimitação prévia dos entrevistados aconteceu através de conversas informais com moradores mais antigos da cidade de Ponte Nova, que costumavam ter casas na zona rural e que informaram a presença desses animais. Esse fator foi um ponto chave para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, utilizar do conhecimento empírico da população rural se torna parte primordial para conhecer as áreas de ocorrência de anuros.

As pesquisas de campo ocorreram principalmente nas feiras ao ar livre que acontecem na cidade, onde pequenos produtores rurais vendem alimentos advindos da agricultura familiar. Além disso, as pesquisas residenciais foram realizadas aos finais de semana, visando encontrar os moradores em suas residências. Foram realizadas entrevistas através de questionários impressos, gravações das entrevistas verbais através de telefone celular e por formulários online. Os grupos selecionados

por sua vez, contaram com membros de diferentes idades, variando entre 10 e 90 anos. Foram entrevistados 40 participantes, sendo 19 entrevistas realizadas através de gravação de voz e 21 via Formulários do Google.

Cada participante entrevistado de maneira presencial recebeu para assinatura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e para menores de idade o (TCLE) do responsável e os participantes que responderam ao formulário, receberam a cláusula de aceite de participação da pesquisa, consentido sua participação.

5.3 Instrumentos da pesquisa

Os questionários foram padronizados e contaram com questões abertas, permitindo que o entrevistado discorresse suas experiências além de imagens dos anfíbios que, possivelmente, seriam de mais conhecidos, de maneira a facilitando o reconhecimento dos anuros. Foram abordados animais das famílias Bufonidae (GRAY, 1825), Ranidae (RAFINESQUE, 1814) Leptodactylidae (WERNER, 1896), Pipidae (GRAY, 1825) e Cycloramphidae, gênero Thoropa (COPE, 1865).

Foram registradas as percepções da população local em relação aos anfíbios, incluindo seu conhecimento sobre essas espécies, mitos, crenças, sua importância para o meio ambiente e para a preservação ambiental, além de possíveis benefícios associados a elas. A pesquisa também abordou a transmissão intergeracional de informações sobre a anurofauna, com o objetivo de compreender o contexto histórico-cultural da região. Além disso, os questionários incluíram questões sobre mudanças locais, como o desaparecimento de um córrego, incêndios na região e outras alterações antrópicas. Além disso, na tentativa de facilitar a compreensão dos entrevistados foi utilizada a linguagem popular com o intuito de aproximar o questionário da realidade dos mesmos.

5.4 Análise de dados

Para análise dos dados coletados, as entrevistas realizadas via gravação foram transcritas. O formulário foi organizado de maneira a abordar os aspectos essenciais deste estudo.

No primeiro momento, os entrevistados responderam questões referentes ao contato direto ou indireto com esses animais. Posteriormente, foram abordados os conhecimentos relacionados às questões ambientais. E por último, o conhecimento sobre a diferenciação desses animais, a nível do conhecimento popular dos anfíbios

da ordem Anura.

Os questionamentos foram organizados de acordo com sua temática, sendo elas: contato direto ou indireto com anfíbios, questões ambientais e conhecimento acerca de anuros, cada grupo com suas questões relacionadas.

Quadro 1. Temáticas abordadas e perguntas relacionadas.

| TEMÁTICA | QUESTÕES |
|--|---|
| TEMÁTICA 1 Contato direto ou indireto com anfíbios anuros | <ul style="list-style-type: none">- Existência de anfíbios anuros na região onde os participantes moram;- A última observação desses animais pelos participantes;- O que fizeram com esses animais; |
| TEMÁTICA 2 Questões ambientais | <ul style="list-style-type: none">- Qual o habitat desses animais?- Qual época do ano esses animais aparecem?- Eles se alimentam de alguma praga?- Diminuição ou aumento desses animais ao longo dos anos;- Mudança nos ecossistemas; |
| TEMÁTICA 3 Conhecimento acerca de anuros | <ul style="list-style-type: none">- Diferenciar sapos, rãs e pererecas;- Conhecimento de alguma espécie ou nome popular;- Quais são as espécies mais vistas?- Histórias sobre esses animais;- Se são animais perigosos.- Com quem eles aprenderam sobre esses animais. |

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Foram entrevistadas 40 pessoas de diferentes idades e os resultados obtidos através da pesquisa serão caracterizados de acordo com as dimensões supracitadas. No total foram entrevistadas 22 mulheres (55%) e 18 homens (45%). A idade média das mulheres entrevistadas foi de 46 anos e a de homens foi 51 anos. A variação da idade dos participantes foi: 10 até 90 anos para mulheres e 18 até 80 anos para

homens.

6.2 TEMÁTICA 1: CONTATO DIRETO OU INDIRETO COM ANFÍBIOS ANUROS.

6.2.1 Existência de anfíbios anuros na região onde moram:

Do total de participantes entrevistados (N=40), apenas 02 informaram que não encontram mais anfíbios na região onde moram.

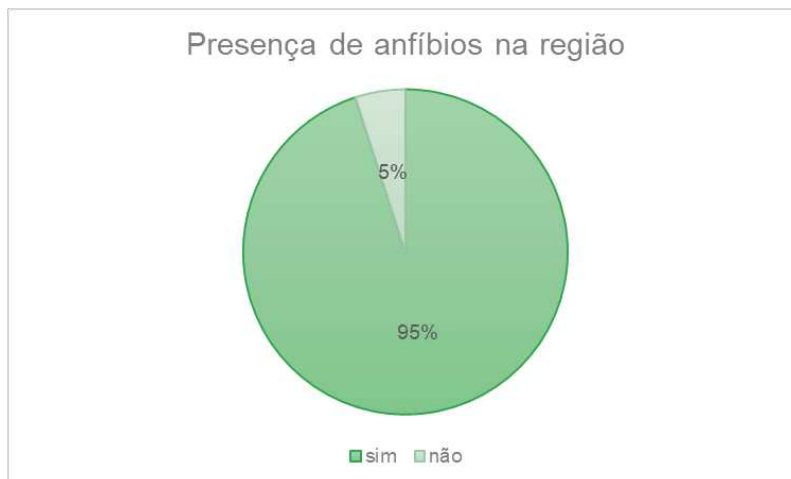


Figura 3. Presença de anfíbios na região

Dos entrevistados, três deles trouxeram informações adicionais sobre os anfíbios que não encontram mais na região:

“Ô minha filha, o sapo, tem. Sempre vai dentro de casa. Eu deixo, não chuto nem nada. Agora a rã tá sumida.”

“A perereca tem bastante, porque vai mexendo nos bananeiros, elas sai pulando, pulando. Então, mais é no brejo, né? Es gritando, né? Tem sapo, né? O terreno tem que aparecer o sapo, lá tem uns pulando no terreno.”

“É, de encher carro. É... Sapo, rã...”

Em relação aos dois entrevistados que informaram sobre a ausência desses animais, são pessoas que têm contato com a zona rural apenas aos finais de semana e que atualmente moram em regiões mais centrais.

6.2.2 Última observação dos anuras pelos entrevistados:

Os entrevistados foram questionados sobre a última observação feita desses animais. A observação mais antiga datada é de 5 anos atrás (2020) e a mais recente é datada em 10 de janeiro de 2025. As datas de observação, em relação aos parâmetros temporais são: última observação há mais de um ano (referente à 2024); entre um mês à seis meses (de agosto de 2024 à janeiro de 2025) e a observação à menos de uma semana (compreendendo as semanas dos dias 03/09/2024, 07/01/2025 e 12/01/2025), como explicitado no quadro 3.

Todos os participantes informaram que a visualização dos animais ocorreu dentro de suas residências, incluindo a área externa. Os relatos dos entrevistados trazem à luz percepções importantes sobre a anurofauna, bem como das observações realizadas.

“Diariamente, ontem mesmo eu tô saindo à noite em casa, perto do brejo, aí aqueles sapinhos, aqueles miudinhos, pulando na minha frente assim, eu falei, não. Aí eu tive que desviar dele pra não pisar nele. Ei, quase que eu fiz uma perereca hoje de noite em casa. Aí, a história tem, né? Tem ou não tem? Muita perereca, tem. Mora perto do brejo, né?”

“O sapo costuma vir dentro de casa “quais” diário. Todo dia ele tá dentro de casa comigo, que eu não mato, não deixo pra catar os insetos, entendeu?”

“Tempo de chuva, esses animais, parece que eles reproduzem mais. E eles precisam de umidade, né? E todo lugar que ela tá, tem ela.”

Quadro 2. Data da observação de anuros e número de participantes que observaram anuras.

| Data da Observação: | Nº de participantes | % |
|---|---------------------|-----|
| Última observação há mais de um ano | 5 | 13% |
| Última observação entre um mês à seis meses | 11 | 28% |
| Última observação há menos de uma semana | 19 | 48% |
| Não sabe dizer | 5 | 13% |

De acordo com os relatos dos entrevistados, a maioria dos participantes (48%) relataram que sua última observação ocorreu a menos de uma semana atrás compreendendo as datas: 03/09/2024, 07/01/2025 e 12/01/2025, sendo esses relatos pertencentes a famílias de produtores rurais, tais observações ocorrem principalmente em regiões de lavouras e hortas, com poços e presença de córregos. Ambientes que são constantemente irrigados, essenciais para os anuros já que esses são dependentes da presença de água, durante sua fase reprodutiva (desova e fase larval) e para o animal pós metamórfico que realiza respiração cutânea.

6.2.3 Sobre o consumo de carne de rã:

A caça de rãs é proibida por lei no território nacional. Porém sabe-se que nas regiões da zona rural esse é um costume passado de geração em geração.

Atualmente, existem criadouros legalizados, os ranários que produzem carne para corte criam a espécie invasora *Aquarana catesbeiana* (SHAW, 1802). Essa espécie invasora têm sido alvo de estudos devido à seus hábitos alimentares. De acordo com SILVA et al. (2009), a rã-touro consome grande variedade de presas, desde crustáceos até outros indivíduos da mesma espécie e espécies nativas como *Leptodactylus labyrinthicus* (SPIX, 1824) e *Leptodactylus latrans* (STEFFEN, 1815).

Ao serem indagados sobre o consumo da carne de rã, os entrevistados informaram que a mais comum de ser consumida é a rã pimenta. Dos 40 entrevistados, 60% já consumiu carne de rã e em sua maioria afirmaram gostar. Alguns dos entrevistados que já consumiram a carne de rã trazem relatos que não fazem mais consumo da carne.

“Todo lugar que tem rã, essas daí, é na água. É na água. Portanto, eu já comi. Mas nem mexe com isso mais, sabe por quê? Vai acabar com a natureza, vai acabar com o bicho. Tem tanta coisa, tem tanta carne pra comer, porco, boi, galinha, pato.”

“Ah, comi, mas muitos anos. Hoje eu não mexo na rã. Ah. Quando eu tava menos de 10 anos por aí, talvez eu comi, mas não comi. Depois mais velho não.”

Os entrevistados que emitiram esses relatos informam ainda reconhecer o papel ambiental desses animais e que o consumo das mesmas através da caça é prejudicial ao ambiente. Nenhum dos entrevistados informou o consumo da carne de

rã touro.

6.3 TEMÁTICA 2: QUESTÕES AMBIENTAIS RELACIONADAS A ANUROFAUNA.

6.3.1 Percepção em relação ao hábitat e aos hábitos de vida desses animais:

Ao analisar os dados obtidos através dos questionários e das entrevistas foi possível notar um padrão determinante em todas as respostas: ambientes com a presença de água, como representado na figura abaixo, onde constam as respostas registradas. Através da figura 7 foi possível notar que os habitats naturais são predominantes embora ambientes antrópicos estejam presentes. O ambiente mais citado pelos participantes foram os brejos, sendo esse ecossistema caracterizado pela presença de água constante ou temporal. Esse ambiente possui características essenciais para a anurofauna, relacionado diretamente à reprodução e alimentação. Os ovos de anuros não possuem casca e dessa forma são suscetíveis à desidratação, fazendo com que o meio aquático seja essencial para a reprodução dessas espécies.

Além disso, esse grupo possui a pele permeável e mesmo na vida adulta necessitam do ambiente aquático para seu desenvolvimento. Além disso, esse ambiente é considerado como um hotspot da biodiversidade.

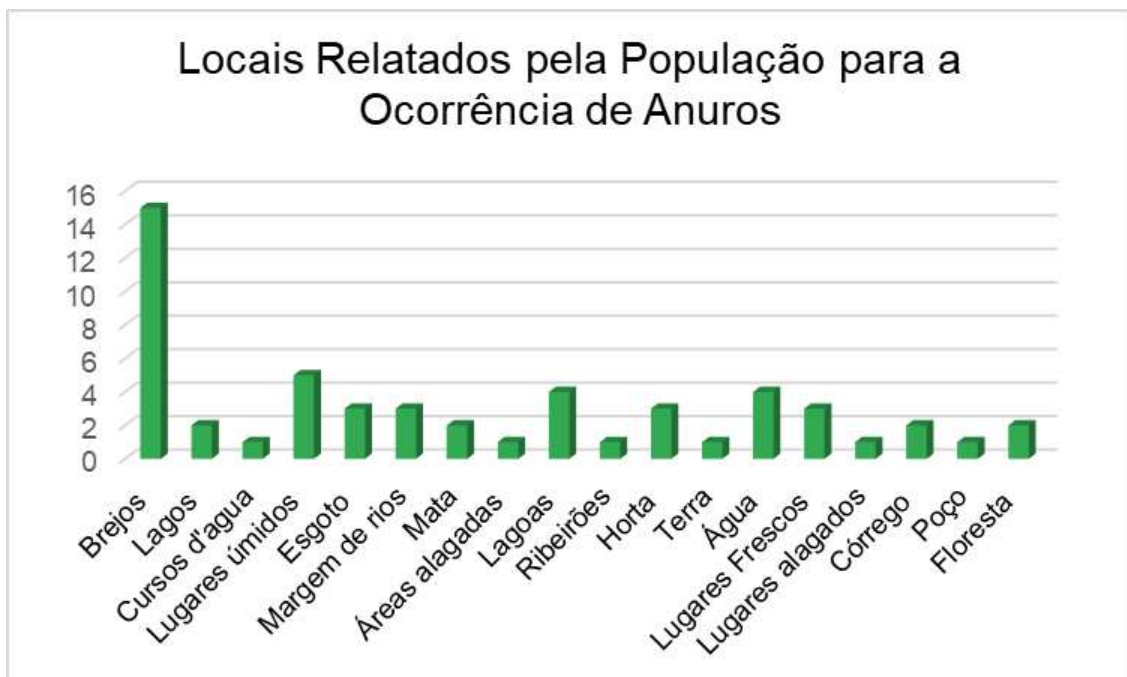


Figura 4. Locais relatados pela população para ocorrência de anfíbios

Dentre os relatos dos entrevistados, temos as seguintes colocações:

“Sapos vivem em ambientes úmidos pois dependem da água para reprodução, as pererecas são arborícolas também dependem da água assim como as rãs que vivem mais no ambiente aquático.”

“O ambiente deles tem que ser lugar fresco, é só lugar fresco, lugar de morro não. Sapo não gosta de lado de morro não. Porque eu não sei. Não, é só no fundo do brejo, né, cara? Só fica lá no fundo. É.”

A presença desses animais em hortas e locais próximos a residências, reflete as alterações ambientais que afetam diretamente as espécies. Os entrevistados também foram questionados sobre a época do ano na qual esses animais costumam ser vistos. Na figura abaixo seguem as informações que foram citadas pelos participantes.

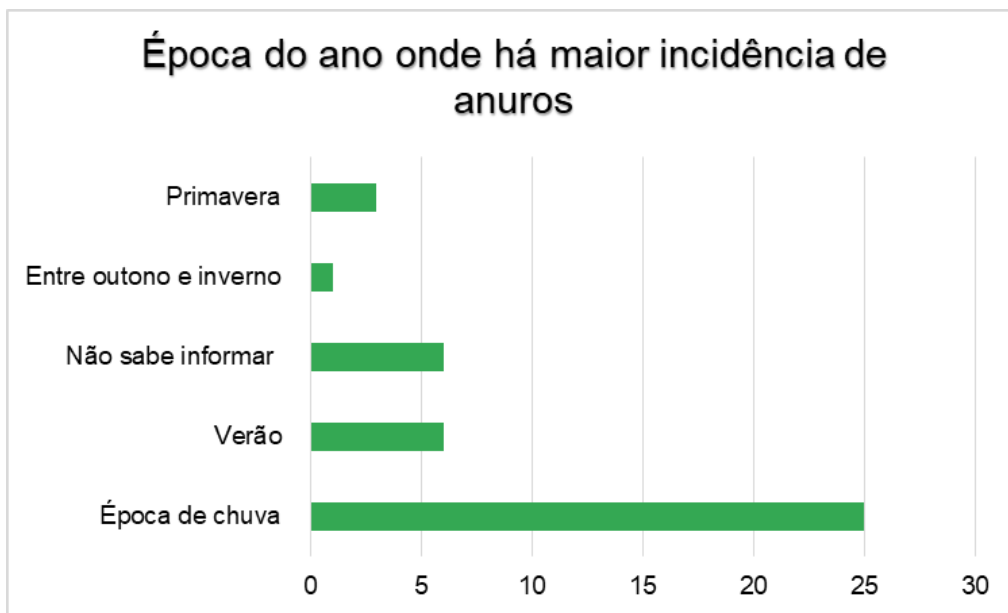


Figura 5. Época do ano onde há maior incidência de anuros

A reprodução dos anfíbios anuros está diretamente relacionada ao ambiente aquático. Dentre as respostas dos participantes, a “época de chuva” foi a mais citada. Sendo assim, a percepção do senso comum dos participantes corrobora com o conhecimento científico. Os relatos envolvem tanto a percepção dos anfíbios de maneira visual, quanto auditiva.

Dentre os questionamentos envolvendo o hábito de vida dos anuros, os

participantes foram indagados sobre a alimentação dos mesmos em relação à predação de pragas. SILVA ET AL. (2009), destaca que há uma grande variedade nas presas consumidas, variando desde pequenos insetos, até serpentes e lagartos. Dos resultados obtidos, 28% dos entrevistados não souberam informar, 49% informaram que se alimentam de insetos em geral, 20% citaram escorpiões e 3% informaram gafanhotos, grilos e aranhas. Entende-se que, embora alguns dos entrevistados não souberam informar sobre a predação desses animais, a maioria citou pelo menos um tipo de animal conhecido pelos mesmos como pragas.

6.3.2. Diminuição ou aumento desses animais ao longo dos anos.

Em relação a diminuição ou aumento de anfíbios anuros ao longo dos anos, os entrevistados tiveram opiniões divergentes: 3% dos entrevistados não soube dizer, 23% informaram que houve aumento nas populações e 74% afirmam que os números de indivíduos diminuíram. Na figura 6, constam as localidades onde os entrevistados que acreditam que houve um aumento das populações anuras: Serra dos Pinheiros, Sítio Amoras, Sítio Porto Brasília e Sesmaria.

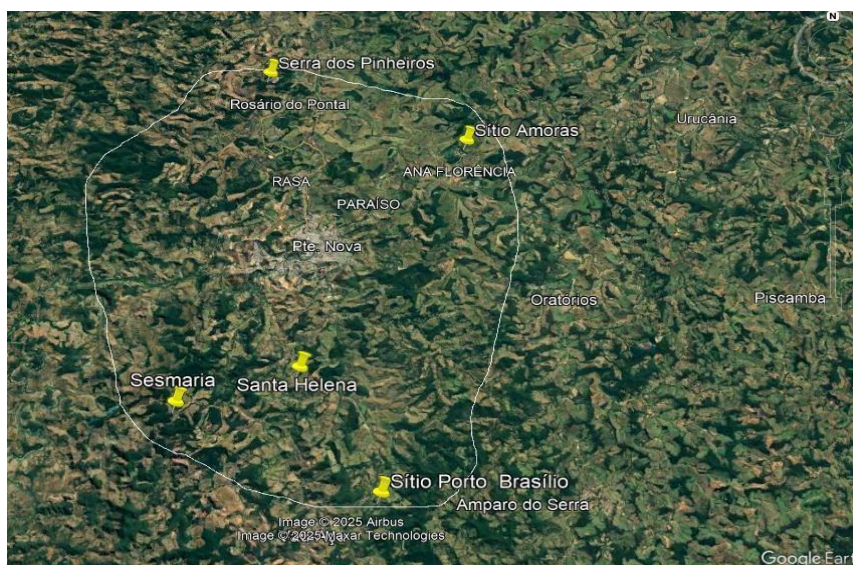


Figura 6. Localidades onde moradores informaram aumento da população de anuros. Fonte: Google Earth.

Dentre os prováveis fatores que podem ter acarretado ao aumento da população de anuros nessa região encontram-se a percepção da população local e questões específicas da biodiversidade local. Os participantes que declararam haver diminuição da população de anuros informaram diversas razões pelas quais acreditam que esse fenômeno possa ter ocorrido.

“Acho que diminuíram devido ao aumento da extensão das áreas de atuação de pastagem e variações fluviais ao longo de uma sazonalidade.”

“Diminuíram muito. Há 40 anos, era comum ouvir o coachar de diversos indivíduos, principalmente na época de chuvas. Isso não ocorre mais. Creio que em razão de maior urbanização.”

“Acredito que tenham diminuído sim, por causa das construções humanas que vem tomando cada vez mais espaço do ambiente natural deles.”

“Os anfíbios da classe anuros diminuíram ao longo do tempo por conta de queimadas e falta de alimentos como os insetos que morrem por causa de agrotóxicos no campo.”

“Acredito que tenham diminuído, uma vez que tenho visto cada vez com menos frequência. acredito que tenha relação com aumento de temperatura, desmatamento e desequilíbrio da flora e fauna.”

“Diminuíram, pois as pessoas os matam quando veem.”

Esses relatos demonstraram não só as percepções individuais dos participantes, mas trazem tópicos que têm sido debatidos na literatura. Um dos pontos abordados foi em relação a fragmentação de habitats. CUSHMAN (2006), faz uma análise elaborada que traz como um dos fatores principais para a diminuição dos anuros a transformação dos espaços naturais em espaços urbanos.

Além disso, fatores climáticos, como aumento da temperatura e distribuição das chuvas influenciam diretamente na vida desses animais, STUART ET AL. (2004), pontua que a alteração no índice pluviométrico e nos regimes de chuva, leva a diminuição de regiões alagadas, afetando as populações anuras como um todo.

6.3.3 Mudança nos ecossistemas.

Os participantes foram questionados em relação a alterações nos ecossistemas da região onde vivem. As principais respostas obtidas trazem como mudanças: aumento no número de queimadas, diminuição no volume de chuva e a diminuição de lagos, rios e lagoas.

“Ocorre constantemente queimadas, e formas de substituição de algumas áreas nativas por pastagem, com uma grave contaminação de algumas áreas de abrangência hídrica”

“O carregamento que abastecia o bairro Rasa foi desviado em razão do anel rodoviário.”

“Não, perto de casa, próximo do meio do terreno, não. Mas por perto, lá por lá, teve várias queimadas. Queimou bastante mata lá, bastante terra. Então morreu bicho demais.”

Dentre os entrevistados, apenas 28% afirmam que não houve mudança significativa no ecossistema da região em que vivem em relação aos córregos, lagoas e rios. Porém todos os participantes informaram a preocupação com as queimadas, que, acontecem com frequência, principalmente durante a estiagem, ocasionando perda de habitat e morte dos animais. Cushman, (2006), pontua que o aumento das alterações ambientais têm impacto direto nas populações anuros, por diversos fatores, dentre eles a fragmentação de habitat, diminuição no volume de presas e o desaparecimento de locais com a presença de água limpa.

6.4 TEMÁTICA 3: CONHECIMENTO ACERCA DE ANUROS

Buscando compreender a relação dos entrevistados com o conhecimento popular sobre a identificação de anfíbios anuros, os entrevistados foram indagados sobre seu conhecimento de espécies. Após responderem diretamente se conheciam ou sabiam reconhecer espécies, foram apresentadas sete imagens aos entrevistados questionando se eles reconheciam esses animais. Dos 40 entrevistados apenas seis alegaram reconhecer e diferenciar espécies, mas não conhecem seu nome científico. Dentre os seis, todos reconhecem a rã-pimenta e dois reconhecem a rã pimenta e a rã manteiga.

Em relação a diferenciação entre sapos, rãs e pererecas, os seguintes resultados foram obtidos:

Quadro 3. Reconhecimento percentual de anfíbios anuros.

| Categoria | Imagem 1 – Rã Touro (%) | Imagem 2 – Rã Pimenta (%) | Imagem 3 – Rã Manteiga (%) | Imagem 4 – Sapo (%) | Imagem 5 - Perereca Martelo (%) | Imagem 6 – Rã Bode (%) | Imagem 7 - Perereca de Esmalte (%) |
|-------------------------------|------------------------------------|--|---|--------------------------------|--|-----------------------------------|---|
| Sapo | 45 | 35 | 40 | 77,5 | 7,5 | 52,5 | 7,5 |
| Rã | 37,5 | 30 | 25 | 0 | 15 | 32,5 | 0 |
| Perereca | 5 | 0 | 7,5 | 5 | 67,5 | 0 | 90 |
| Espécie específica | 5 | 17,5 | 0 | 2,5 | 0 | 0 | 0 |
| Não sabe | 7,5 | 17,5 | 27,5 | 15 | 10 | 15 | 2,5 |

Foi possível notar através dos resultados obtidos que os termos mais informados pelos participantes foram sapos e pererecas. Os dados obtidos indicam que a população detém uma dificuldade para identificar e diferenciar esses animais. Analisando individualmente algumas categorias podemos observar que, na Imagem 2, que mostra uma rã pimenta *Leptodactylus labyrinthicus*, foi a espécie mais identificada pelos participantes. Foi possível notar um alto percentual de identificação dos anuros como sapo e isso pode ser atribuído com a percepção comum de que sapos são animais maiores e mais corpulentos que rãs e pererecas.

Este dado pode ainda ser percebido nas imagens 5 e 7, que trazem respectivamente um sapo martelo *Boana faber* (WIED-NEUWIED, 1821) e uma perereca de esmalte *Phyllomedusa burmeisteri* (BOULENGER, 1882). Nas imagens apresentadas é possível observar patas maiores que a dos demais anfíbios nas imagens, bem como os discos presentes nas pontas de seus dedos, além de possuírem o corpo menor. Embora não reconheçam as espécies citadas, distinguiram esses animais.

Os resultados obtidos demonstraram a importância da educação ambiental, uma vez que, durante a pesquisa houveram relatos de que sapos são animais perigosos, devido às histórias repassadas de geração em geração, como o “leite de sapo”. É essencial enfatizar que, atualmente na cidade de Ponte Nova, não existem capacitações para a comunidade rural sobre a anurofauna e sua importância para o ecossistema. A falta de políticas públicas envolvendo a priorização e a conservação ambiental afetam diretamente as populações anuras na região.

6.4.1 Anfíbios são animais perigosos?

Sabe-se que existem grandes divergências entre o conhecimento científico e o conhecimento empírico neste quesito quando se trata da anurofauna. É válido ressaltar que comunidades rurais não diferem termos como venenosos ou peçonhentos. Além disso, a grande influência do conhecimento geracional molda a percepção em relação a esses animais. Os entrevistados trouxeram relatos diferentes, trazendo suas colocações a respeito desses animais.

Os entrevistados demonstraram interesse nesses animais e alguns deles realizaram questionamentos sobre a veracidade dos fatos conhecidos. Os entrevistados demonstraram interesse por esses animais e, em alguns casos, questionaram a veracidade das informações populares. Os relatos indicam que grande parte do conhecimento que possuem é baseado em mitos e crenças, o que gera incertezas em suas respostas. Muitos participantes, ao falar sobre os anfíbios, utilizam expressões como “dizem”, evidenciando a transmissão de informações sem comprovação científica. Isso reforça a necessidade de ações educativas para esclarecer equívocos e promover um entendimento mais embasado sobre esses animais.

Quadro 4. Percepção dos entrevistados.

| Percepção dos entrevistados | |
|---|--|
| Algumas pererecas são venenosas normalmente as mais chamativas se deve ter distância. - G.L.S | Poucas espécies de pererecas são venenosas. Embora não possua coloração chamativa, a perereca conhecida como Perereca-de-capacete, <i>Corythomantis greeningi</i> (JARED, 2015) é uma espécie peçonhenta que possui protuberâncias espinhosas e através de “cabeçadas” é capaz de inocular veneno. |
| Olha, dizem que tem uns que sim, mas não sei diferenciar, não. porque tem uns que acho que jogam um líquido, não sei. dizem que é muito perigoso. - L.S | Não existe comprovação de substâncias tóxicas na urina dos anuros que possa provocar cegueira (BUCKLEY et al., 2010; NARVAES & RODRIGUES, 2009) |
| Dizem que fazem doença, mas também não sei de onde é qual a doença. - V.M | A única doença citada pelos entrevistados foi o cobreiro. De acordo com o Ministério da Saúde: “Herpes, ou cobreiro é uma doença causada pelo Vírus Varicela-Zóster (VVZ).” (BRASIL. Ministério da Saúde. Herpes.) |
| Muita gente fala que tem uns que são venenosos, né? Mas eu não sei dizer qual a qualidade desses que são venenosos, né? - J.E.S | O gênero <i>Rhinella</i> apresenta as glândulas granulares, que liberam uma substância de aspecto leitoso, com capacidade de provocar irritabilidade nos predadores (DUELLMAN & TRUEB, 1994; NARVAES & RODRIGUES, 2009) |
| O sapo deve de ser né? o leite que ele joga, né? é. a perereca não me engana. ela que dá o cobreiro. - S.P.S | |
| Ah, eu sei que baba né, pra cachorro, igual assim um cachorro comer e baba, só isso. - M.M.M | |

6.4.2 Histórias sobre sapos, rãs e pererecas.

Com o propósito de registrar o conhecimento popular sobre esses animais, os participantes foram questionados sobre as histórias que já escutaram a respeito deles. Diversos relatos foram mencionados, incluindo associações como “cobreiro” e cegueira. Dos quarenta entrevistados, apenas oito relataram nunca ter escutado nenhuma história sobre esses animais. Os relatos variam entre experiências pessoais e narrativas transmitidas entre gerações. O quadro abaixo apresenta os relatos mencionados.

Quadro 5. Relatos e correlações científicas.

| RELATOS | CORRELAÇÃO CIENTÍFICA |
|---|--|
| <p>“São animais venenosos.”</p> | <p>O gênero <i>Rhinella</i> apresenta as glândulas paratóides, localizadas na região posterior ao olhos, que, quando pressionadas, liberam uma substância de aspecto leitoso, com capacidade de provocar irritabilidade nos predadores (DUELLMAN & TRUEB, 1994; NARVAES & RODRIGUES, 2009)</p> |
| <p>“São animais usados em simpatias” – W.J.S</p> | <p>A vacina do sapo, como é popularmente conhecida é realizada utilizando a secreção cutânea da perereca Kambô (<i>Phyllomedusa bicolor</i>, BODDAERT, 1772), o ritual é conhecido pelo povo Katukina, que acredita que esse ritual permite aos guerreiros da tribo o afastamento dos maus presságios e os deixa mais fortes e dispostos (SOUZA ET AL., 2002; LIMA E LABATE, 2007)</p> |
| <p>“Sim, os antigos falam que se eles se sentirem ameaçados, soltam uma espécie de leite que nos deixa cego. E que se jogar sal em cima dela eles queimam e morrem.” – L.G.M.</p> | <p>A urina dos anfíbios não apresenta perigo a nenhum ser vivo. Os anuros urinam como ferramenta de defesa, para assustar predadores (COLOMBO e ZANK, 2007).</p> |
| <p>“Que se você matar o poço seca.” – R. R. G. C.</p> | <p>Não há uma relação direta deste mito com a seca do poço. Porém é fato de que onde há presença de anfíbios, existe alguma fonte de água presente na região.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>“Na minha região os sapos eram sinônimos de coisa ruim.” – I.D.E.B.</p> | <p>A percepção cultural, relacionada ao nojo e ao desconhecimento dos animais levam a uma percepção deturpada desses animais.</p> |
| <p>Que se pegar dá cobreiro” – L.A</p> | <p>A única doença citada pelos entrevistados foi o cobreiro. De acordo com o Ministério da Saúde: “Herpes, ou cobreiro é uma doença causada pelo Vírus Varicela-Zóster (VVZ).” (BRASIL. Ministério da Saúde. Herpes.)</p> |
| <p>“Já. Fala que a perereca mijava nos olhos do cara e ficava cego. Você já viu isso? Cobreiro eu já vi falado, sim, é de aquela largatixa, né? Eu acho que não.” – W.B.</p> | |
| <p>“Disse que se você pegar fica cego” – G.L.S. “Xixi de sapo cega” – L.A.</p> | <p>A urina dos anfíbios não apresenta perigo a nenhum ser vivo. Os anuros urinam como ferramenta de defesa, para assustar predadores (COLOMBO e ZANK, 2007).</p> |
| <p>“A história que eu ouvi é que, é que diz que mijou de rã, se cai no olho. Ele mijou no olho do meu irmão uma vez, me mandou pro banheiro, ele tava na porta do banheiro, ela abriu, aí na hora que ela abriu a porta, ele fez xixi, ele saiu correndo e pegando no olho. Ele pensou que ia ficar cega. Aí, um tempo depois, ele foi no oculista e ele falou assim, não tem problema, não tem problema, não fala com ele, agora ele tem que arrumar um outro sapo pra mijar no outro olho também!” – J.R.</p> | |

| | |
|---|--|
| <p>“Só falava que a noite falava quando eles começavam a fazer barulhos que era sinal de chuva.” – M.C.M.</p> | <p>Os anfíbios precisam de água ou de umidade para se reproduzirem, sendo assim o período chuvoso é o ideal para reprodução e desova (DUELLMAN & TRUEB, 1994; NARVAES & RODRIGUES, 2009; BUCKLEY et al., 2010)</p> |
| <p>“A história que eu sei é que eu já ouvi falar que cobra engole o sapo. É isso aí que eu sei. Que eu já vi, entendeu? A cobra para, e firma, e a rã vem e o sapo vem chorando, igual a criança. Até chegar, chora igual a criança. Vem chorando igual a criança.” – J.R</p> | <p>Constituem uma importante fonte alimentar para as serpentes (HADDAD et al, 2008)</p> |
| <p>“Já vi histórias de jogar sal em sapos, mais acredito ser maldade com eles.” – L.S.T.</p> | <p>Jogar sal ocasiona a morte do animal, uma vez que as espécies de anuros costumam realizar respiração cutânea e possuem a pele vascularizada e permeável à substâncias tóxicas.</p> |

Dos causos:

“Quando eu morava sozinha, um dia cheguei da Faculdade a noite, cansada e com sono, fui tomar banho, e de repente me deparei com uma perereca no banheiro, gritei muito, rezei para me acalmar e conseguir tirar ela. Na semana passada, no haras onde passei o réveillon, aconteceu a mesma coisa, rs. Esses animais me perseguem, eu grito e saio correndo.” – K.F.R.

“Quando criança brincávamos no terreiro de uma tia e colegas ficavam horas colocando isca para pegar rã na caixa de esgoto que ficava no passeio próximo da área externa.” – J. A. F.

“Eu já ouvi uma história. Foi o do sapo. A minha tia, os colegas dela, apanhavam café. Então, uma delas foi apanhar café e levou duas crianças. Um menininho, acho que de dois anos e o outro de um aninho e pouco. Ela pôs o balai no pé de café e pôs os nenéns lá. Aí o grandinho estava chorando muito, ela viu um sapo, pegou o sapo, amarrou um barbante no pé dele, na perna dele e deu ao menino. Aí o menino brincou o dia inteiro com o sapo. E parou de chorar? Ah, mas depois o resultado foi muito triste. Ela amarrou o barbante, o sapo, ele saiu e rasgou o sapo. E ficou o dia inteiro. Foi de tarde, ela desamarrou o sapo. Não conseguiu desamarrear, arrebentou o barbante.

E ela foi embora pra casa, os meninos. Chegou em casa, deu banho nas crianças, os dois meninos. Eles dormia dentro de um balaio, no quarto. Na época a vida era mais difícil ai botava dentro de um balaio. Aí eles choravam à noite, tinham costume de chorar à noite. Acordavam muito cedo, cada manhã iam fazer isso. Aí a noite não chorou mais. Não estava tão cansado que nem chorou essa noite. Foi tomar café e ia mexer com o curral. Ela ficou na cozinha. Quando acabou de fazer o almoço, ela ia arrumar a marmitta pra ir pra lavoura. Ela falou, vou lá chamar, acordar os meninos. Ele tá chegando do curral. Mas não acordou até agora não? Não. Aí ele foi pra acordar. Quando ele foi pra entrar dentro do quarto, o sapo pulou pra fora. Aí ele ficou... Ele só falou, olha, um sapo aqui dentro. E tinha um toquinho de barbante no sapo. Aí ele falou pra ela assim, mata. Ela falou, não mata não, coitado. Ele enterteu os meninos o dia inteiro. Não mata ele não, coitado. Aí ele pôs o sapo pra fora. Entrou no quarto, foram os dois meninos mortos. Aí, mexeu um menino mesmo. Quando ele mexeu com o pequenininho, ele já tava durinho. Aí ele ficou assustado e gritou com ela. O que que foi? O sapo saiu daqui do quarto e fez um esborde. Ela falou, não tem como um sapo fazer esborde. Fez um esborde. Aí ela entrou correndo. E aí o marido já tinha

despachado a manta dos meninos. Doeu. Todos os dois com uma gotinha de sangue no inbigo.” - E.A.

Lendas e histórias permeiam os anfíbios há muitas gerações. A relação humana com esses animais, muitas vezes marcada pela aversão e por suas estratégias de defesa, contribuiu para a criação de mitos e lendas no conhecimento popular, com o intuito de afastar crianças e adolescentes. Esse processo acaba por reforçar uma visão distorcida, associando esses animais a perigos inexistentes. No entanto, ao longo das entrevistas, também foram observadas percepções sobre a importância ambiental dos anfíbios e seu papel fundamental no ecossistema.

6.4.3 Com quem os entrevistados aprenderam sobre esses animais.

Durante as entrevistas os participantes foram questionados sobre com quem havia adquirido o conhecimento sobre esses animais. Esses dados podem ser visualizados na figura 7.

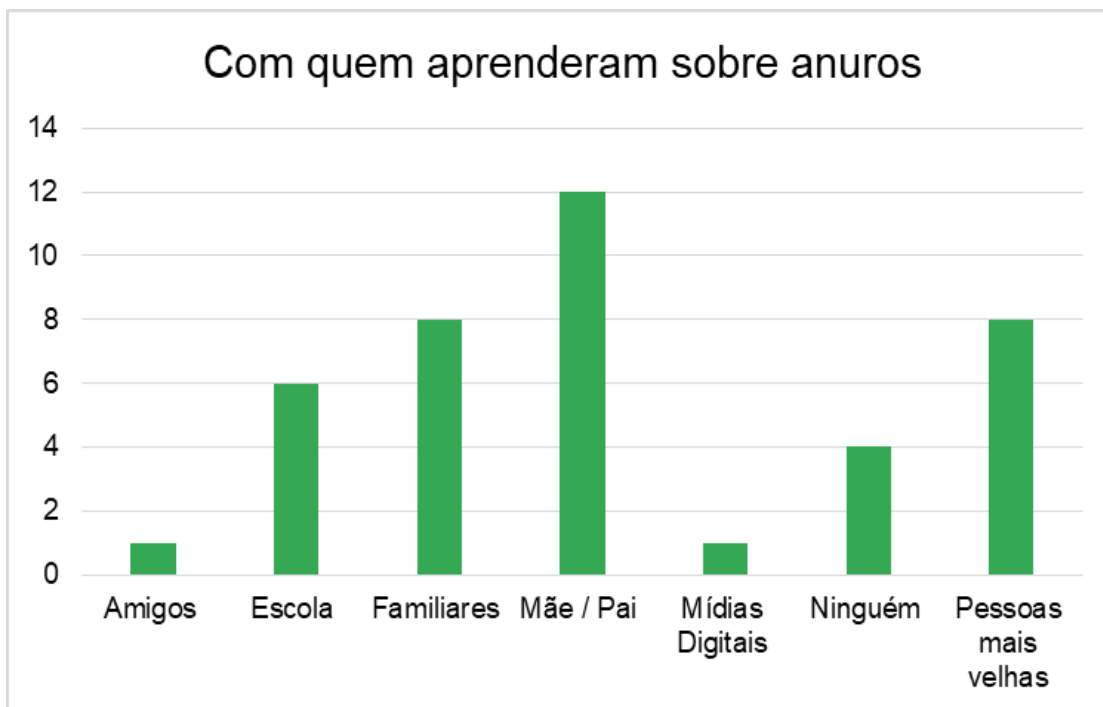


Figura 7. Aprendizado sobre anuros

De acordo com o gráfico acima, pode-se denotar que 70% dos entrevistados (28 participantes) aprenderam sobre anfíbios anuros com seus núcleos familiares e pessoas da comunidade. Este resultado é uma confirmação a respeito das tradições geracionais que permeiam as comunidades rurais: 15% dos participantes informaram que obtiveram conhecimentos sobre esses animais em instituições de ensino, porém, como observado nos dados supracitados nota-se uma defasagem no ensino sobre esses animais, sendo estes provavelmente repassados de maneira superficial.

A aprendizagem informal foi a mais recorrente nas respostas dos entrevistados, o que evidencia a importância de valorizar o conhecimento empírico. Contudo, é fundamental que essa valorização ocorra por meio do diálogo com as comunidades, integrando o saber popular ao conhecimento científico. Esse processo deve expandir a compreensão sobre as especificidades dos anfíbios e ressaltar seus benefícios aos ecossistemas, promovendo uma abordagem mais ampla e eficaz para a conservação dessas espécies e o engajamento das comunidades na preservação ambiental.

7 CONCLUSÃO

De acordo com os resultados obtidos fica claro que embora os participantes tenham contato com anfíbios anuros, a maioria não sabe identificá-los e classificá-los a nível de espécie ou diferenciá-los entre sapo, perereca e rã.

O conhecimento geracional embora importante para a disseminação de informações, carrega consigo diversos mitos e lendas sobre os anuros. Este fato leva a uma percepção deturpada sobre os anfíbios gerando reações como aversão e medo aos participantes, corroborando para o afastamento da população desses animais. Os causos e histórias influenciam ainda mais a “sensação” de perigo nos participantes.

Fica clara a necessidade de mais investimento da gestão pública do município de Ponte Nova em educação ambiental para as comunidades rurais e a criação de políticas públicas que promovam a proteção das espécies anuras. Através da educação ambiental será possível desmistificar as histórias geracionais repassadas, não com o objetivo de tornar o conhecimento empírico inutilizado, mas, sim aproximando a população dos grupos anuros, denotando sua importância ambiental, benefícios ao produtor rural e aos ecossistemas.

Por fim, este trabalho pode impulsionar estudos na zona rural de Ponte Nova, proporcionando visibilidade a iniciativas voltadas para a conservação desses animais e a conscientização ambiental.

8 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADRIANO et al. **Estudos biogeográficos auxiliando na compreensão das relações entre mudança climática global e declínio das populações de anfíbios anuros.** REVISTA GEONORTE, v. 3, n. 4, p. 175–183, 2016.

ALMEIDA, SC **Ecologia de *Lithobates catesbeianus* (SHAW, 1801) e relações com os anfíbios da região de Botucatu, SP (Amphibia, Anura).** 2010. Tese (Doutorado em Biociências) – Instituto de Biociências de Botucatu, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Botucatu, 2010.

ALVES, RRN; ROSA, IL; SANTANA, GG **O papel dos medicamentos de origem animal como medicina complementar no Brasil.** BioScience, v. 57, p. 949-955, 2007.

AMPHIBIAWEB. 2023. Disponível em: <https://amphibiaweb.org>. University of California, Berkeley, CA, USA. Accessed 13 Sep 2023.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X20100002000>.

BARBOSA, M. C. S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas.** Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1059–1083, out. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>

BERNARDE, P.S; SANTOS, R.A. **Utilização medicinal da secreção (“vacina-do-sapo”) do anfíbio kambô (*Phyllomedusa bicolor*) (Anura: Hylidae) por população não-indígena em Espigão do Oeste, Rondônia, Brasil.** Revista Biotemas, [S. l.], n. v. 22 n. 3 (2009), p. 213-220, 20 jun. 2009.

<https://doi.org/10.5007/2175-7925.2009v22n3p213>

BEZERRA, D.M.M.; ARAUJO, E.F.P. & ALVES, R.R.N. 2012. **Captura de aves**

silvestres no semiárido brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. Mongabay com Open Access Journal. Tropical Conservation Science, 5. 50-56. 10.1177/194008291200500106.

BORGES-MARTINS, M. et al. Anfíbios. In: BECKER, F. G.; RAMOS, R. A; MOURA, L. A. (Orgs.) **Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2007, p.276-291.

BOKERMANN, W.C.A. 1956. **Sobre uma nova espécie de Hyla do Estado de Minas Gerais, Brasil (Amphibia Salientia-Hylidae).** Pap. Avul. Zool. 12:357-362.

BOKERMANN, W.C.A. 1964. **Dos novas especies de Hyla de Minas Gerais y notas sobre Hyla alvarengai Bok. (Amphibia, Salientia, Hylidae).** Neotropica 10:67-76.

BOKERMANN, W.C.A. 1967. **Três novas espécies de Physalaemus do sudeste brasileiro (Amphibia, Leptodactylidae).** Rev. Brasil. Biol. 27(2):135-143.

BOKERMMAN, W.C.A. & I. Sazima, 1973a. **Anfíbios da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil.1. Espécies novas de Hyla (Anura, Hylidae).** Rev. Brasil. Biol. 33(3):329-336.

BUCKLEY, LB, HURLBERT, AH E JETZ, W. (2012), **Implicações ecológicas em larga escala da ectotermia e endotermia em ambientes em mudança.** Ecologia Global e Biogeografia, 21: 873-885. <https://doi.org/10.1111/j.1466-8238.2011.00737.x>

CASTRO, I. E. **Territórios, biodiversidade e saberes de populações tradicionais.** In: DIEGUES, A. C. S. (Org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

COCHRAN, D.M. 1955. **Frogs of Southeastern Brazil.** United States Nac Mus. Bull. 206:1-423.

COLOMBO, P. et al. **Anura, Bufonidae, Melanophryniscus simplex: distribution**

extension. Check List, v. 3, n. 4, p. 305–305, 1 out. 2007.

CUSHMAN, SA (2006). **Efeitos da perda e fragmentação de habitat em anfíbios: Uma revisão e prospecto.** Conservação Biológica, 128(2), 231–240. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2005.09.031>

DRUMMOND, G. M.; MARTINS, C. S.; MACHADO, A. B. M.; SEBAIO, F. A. & ANTONINI, Y. (Orgs.) 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais – um atlas para sua conservação.** 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

DUELLMAN, W. E.; TRUEB, L. 1986. **Biology of Amphibians.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

FABICHAK, I. **Criação racional de rãs.** Rio de Janeiro: Nobel, 1987. 58 p

FEIO, R. N.; BRAGA, U. M. L.; WIEDERHECKER, H. & SANTOS, P. S. 1998. **Anfíbios do Parque Estadual do Rio Doce (Minas Gerais).** Universidade Federal de Viçosa, Instituto Estadual de Florestas, MG, 32p.

FERREIRA, H. F. **A caça no Brasil: panorama histórico e atual, 2014.** 466 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

HADDAD, C. F. B., TOLEDO, L. F., PRADO, C. P. A. **Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica.** São Paulo: Editora Neotrópica, 2008.

HEATWOLE, H.; B.K. SULLIVAN, (eds.) 1995. **Amphibian Biology, vol. 2: Social Behaviour.** Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton, Australia.

HECNAR, S. J.; M'CLOSKEY, R. T. Changes in the Composition of a Ranid Frog Community Following Bullfrog Extinction. **American Midland Naturalist**, v. 137, n. 1, p. 145, jan. 1997. <https://doi.org/10.2307/2426763>

LIMA, E. C. de; LABATE, B. **“Remédio da ciência” e “remédio da alma”: os usos**

da secreção do kambô (*Phyllomedusa bicolor*) nas cidades. Campos, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 71-90, 2007. <https://doi.org/10.5380/cam.v8i1.9553>

LIMA, S. L.; CRUZ, T. A.; MOURA, O. M. **Ranicultura: análise da cadeia produtiva.** Viçosa, MG: Folha de Viçosa, 1999. 172 p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LÜDKE, M. L975p **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** - São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

LUTZ, B. **Anfíbios anuros da coleção Adolfo Lutz: VIII *Hyla squalirostris*.** Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v. 50, p. 1 - 6, 1952.

LUTZ, B. & A.L. Carvalho. **Novos anfíbios das serras Costeiras do Brasil.** 1958. Mem. Oswaldo Cruz, 56:239-249.

LUTZ, B. 1966. ***Pithecopus ayeaye*, a new Brazilian hylid with vertical pupils and grasping feet.** Copeia 1966:236-240.

LUTZ, B. 1968. **New brazilian forms of *Hyla*.** The Pearce-Sellards. Series 10:5-8.

LYONS, K.G.; SCHWARTZ, M.W. **Rare species loss alters ecosystem function invasion resistance.** Ecology Letters, v.4, p.358 - 365, 22 jul. 2001. <https://doi.org/10.1046/j.1461-0248.2001.00235.x>

MANUIAMA, A.R. **A biodiversidade e o conhecimento etnoherpetológico de uma população ribeirinha em Atalaia do Norte, Amazônia, Brasil.** 2022. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2022.

MEDEIROS, M. F. S. T. **A Caça de Subsistência na Reserva Extrativista Alto Juruá/AC: Caracterização, consumo e estratégias de caça.** Dissertação de

Mestrado, PRODEMA, 2001.

MCDIARMID, R.W. & R. ALTIG. **Tadpoles: The Biology of Anuran Larvae.** The University of Chicago Press, Chicago, USA, 1999.

MYERS, CW, DALY, JW E MALKIN, B. (1978). **"Um novo sapo perigosamente tóxico (Phyllobates) usado pelos índios Emberá do oeste da Colômbia, com discussão sobre fabricação de zarabatanas e envenenamento por dardos."** Boletim do Museu Americano de História Natural, 161, 307-366.

NARVAES, P., & RODRIGUES, MT (2009). **Revisão taxonômica do grupo Bufo do complexo granulatus (Amphibia, anura, Bufonidae).** 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41133/tde-07012005-190107/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, I. S.; LUCENA, R. F. P. de; FREIRE, E. M. X. **Percepção ambiental de agricultores de região semiárida sobre os anfíbios anuros e biocontrole de insetos pragas em sistemas irrigados e não irrigados, às margens do rio São Francisco, Brasil.** Gaia Scientia, [S. l.], v. 11, n. 1, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2017v11n1.31658. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/article/view/31658>. Acesso em: 12 jul. 2024.

OLIVEIRA, I.; FREIRE, E. (2015). **Conhecimento ecológico local sobre anfíbios anuros por agricultores em sistemas agrícolas de região semiárida brasileira.** Revista Brasileira de Ciências Ambientais (Online). 198-211. 10.5327/Z2176-947820151013.

PIANCA, C. C. **A caça e seus efeitos sobre a ocorrência de mamíferos de médio e grande porte em áreas protegidas na Mata Atlântica na Serra de Paranapiacaba.** Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

POSSEY, D. **Introdução – Etnobiologia: teoria e prática**. Vol. 1: Etnobiologia, p. 15-26 Petrópolis: Vozes, Finep. 1986.

POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; MCFARLAND, W. N. 1999. **A Vida dos Vertebrados**. 2ª Edição. Atheneu Editora, São Paulo, 798 p.

RABB, G. B. 1990. **Declining amphibian population**. Species, (13-14): 33-34

REINHARDT, J.; C. LÜTKEN. "1861"1862. **Bidrag til Kundskab om Brasiliens Padder og Krybdyr**. Videnskabelige Meddelelse fra den Naturhistorisk Forening i Kjobenhavn 3:143-242.

ROCHA, M. S. P.; CAVALCANTI, P. C. M.; SANTOS, R. L.; ALVES, R. R. N. **Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. 6: 204-221, 2006.

SALLA, R. F.; COSTA, M. J.; FERNANDES, H. L. (2017). **Influência do sistema afetivo-emocional no aprendizado: valores culturais e mitificação dos anfíbios anuros**. Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio, 10(1), 87–105. <https://doi.org/10.46667/renbio.v10i1.58>

SAZIMA, I.; BOKERMANN, W.C.A. 1977. **Anfíbios da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil**. 3: Observações sobre a biologia de *Hyla alvarengai* Bok. (Anura, Hylidae). Rev. Brasil. Biol. 37(3):413-417.

SAZIMA, I.; BOKERMANN, W.C.A. 1978. **Cinco novas espécies de Leptodactylus do centro e sudeste brasileiro (Amphibia, Anura, Leptodactylidae)**. Rev. Brasil. Biol. 38(4):899-912.

SAZIMA, I. & BOKERMANN, W.C.A. 1982. **Anfíbios da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil**. 5: *Hylodes otavioi* sp.n. (Anura, Leptodactylidae). Rev. Brasil. Biol. 42(4):767-771

SCOTT, N. **IUCN Red List of Threatened Species: Rhinella diptycha**. Disponível

em: <<https://www.iucnredlist.org/species/54628/11177973>>. Acesso em: 20 set. 2024.

SEIXAS, S. G. de. **Saberes, mitos e uso de anuros por comunidades indígenas de São Gabriel da Cachoeira - AM**. 2019. 27 f. TCC (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira - AM.

SILVA, E.; REIS, E.; FEIO, R. (2010). **Diet of the Invasive Frog *Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802) (Anura: Ranidae) in Viçosa, Minas Gerais State, Brazil**. South American Journal of Herpetology. 4. 286-294. 10.2994/057.004.0312.

SILVEIRA, F. F. **Fauna Digital do Rio Grande do Sul, 2018**. Bird and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab - UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/sapo-%20martelo-sapo-ferreiro-boana-faber/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SOUZA, W. S. dos. **Conhecimentos populares sobre anfíbios anuros no Município de Parintins AM**. 2021. 40f. TCC (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins. <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/4141>

STUART, S. N. et al. **Status and Trends of Amphibian Declines and Extinctions Worldwide**. Science, v. 306, n. 5702, p. 1783–1786, 14 out. 2004.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

TRINCA, C. T.; FERRARI, S. F. 2006. **Caça em assentamento rural na amazônia matogrossense**.

VAN VLIET, N.M.P. et al. **The uncovered volumes of bushmeat commercialized in the Amazonian trifrontier between Colombia, Peru & Brazil**. Ethnobiology and Conservation. 2014. 3(7): 1-11. <http://dx.doi.org/10.15451/ec2014-11-3.7-1-11>.

VILLA, J. 2015. **Las ranitas de Cayos Miskitos**. Revista de Temas Nicaragüenses,

89: 6-19.

WHYTE, A. V. T. La perception de l'environnement: lignes directrices méthodologiques pour les études sur le terrain. 7. ed. Paris: UNESCO, 1978.

WEICHERT, M. A.; MELLO, S. R. P.; ESPINDOLA, L. M. O consumo de tilápias e rãs nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Panorama da Aqüicultura, Rio de Janeiro, v. 17, n. 102, p. 37-41, jul./ago. 2007.

ANEXOS

ANEXO A

FICHA DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Endereço:

Naturalidade:

- 1) Existem anfíbios na região onde você mora?
- 2) Qual a última vez que você viu um sapo, uma rã ou uma perereca?
- 3) O que você fez com esse animal?
- 4) Você já comeu carne de rã?
- 5) Onde esses animais vivem?
- 6) Quais são as espécies que mais são vistas na sua região?
- 7) Qual época do ano sapos, rãs e pererecas costumam aparecer?
- 8) Esses animais trazem benefícios?
- 9) Você acha que os anfíbios diminuíram ou aumentaram ao longo dos anos? Por que você acha isso? Caso acredite que diminuíram, por que acha que isso aconteceu?
- 10) Você costuma ver mais sapos, rãs ou pererecas? Tem algum desses animais que você não encontra mais?
- 11) Existe alguma história que você já ouviu sobre estes animais?

12) Você já tocou em um sapo ou uma rã? Aconteceu alguma coisa?

13) Esses animais são perigosos?

14) Quando você vê algum desses animais, o que você costuma fazer?

15) Com quem você aprendeu sobre esses animais?

16) Na sua região, nos últimos anos a paisagem (ecossistema) do lugar onde você vive sofreu alguma alteração (desaparecimento de lagos, córregos, lagoas ou riachos / queimadas, destruição das florestas, desmatamento)?

ANEXO B

FOTOS UTILIZADAS DURANTE AS ENTREVISTAS



1 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 8: Macho de rã-touro (*Lythobates catesbeianus*)
Fonte: elaborada pela autora.



2 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 9: Rã-pimenta (*Leptodactylus labyrinthicus*)

Fonte: elaborada pela autora.



3 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 10: Rã-manteiga (*Leptodactylus latrans*)

Fonte: elaborada pela autora.



4 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 11: Sapo cururu.
Fonte: FelipeGomes - <http://calphotos.berkeley.edu> - 28 de novembro de 2009



5 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 12: Sapo Martelo.
Hypsiboas faber (Wied-Neuwied, 1821)
Fonte: Márcio Borges-Martins



6 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 13: Sapo Bode.
Thoropa miliaris (Spix, 1824)
Fonte: Marcelo Batista

© Marcelo Batista



7 Você reconhece esse animal? Qual a última vez que o viu na sua região? Qual o nome dele? É um sapo, uma rã ou uma perereca?

Figura 14: Perereca-de-esmalte. *Phyllomedusa burmeisteri* (Boulenger, 1882)

Fonte: Emanuel Silva

ANEXO C

RELATOS DAS ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA 1

Paula: Qual que é o nome da senhora?

Sandra: Sandra Maria da Costa.

Paula: Quantos anos você tem, Sandra?

S.M.C: 60. 60 anos.

P: Qual que é o seu endereço?

S.M.C: Aqui é Rua Norivaldo da Silva.

P: Norivaldo?

S.M.C: É, Norivaldo José da Silva.

P: Pontal, né?

S.M.C: É.

P: Isso, perfeito. A senhora é natural daqui mesmo?

S.M.C: Aham.

P: Você sabe se tem sapo aqui na sua região?

S.M.C: Tem.

P: Rã, perereca?

S.M.C: Tem, tem.

P: Muito ou pouco?

S.M.C: Tem mais ou menos. Porque agora, com esse negócio, acabou um pouco, né? Mas era muito.

P: Qual foi a última vez que a senhora viu um sapo, uma rã ou uma perereca?

S.M.C: Não sei.

P: Tem muito tempo ou foi agora há pouco?

S.M.C: Tem muito tempo.

P: Muitos anos que a senhora não vê? Olha só. E a senhora fez alguma coisa quando a senhora viu ele? Tocou, mandou embora...

S.M.C: Toquei, toquei.

P: Jogou sal em cima?

S.M.C: Joguei. Fiz o “gostório”, ó, vazou.

P: A senhora já comeu carne de rã?

S.M.C: Já.

P: E gostou?

S.M.C: Gostei. É igual a carne de frango.

P: É mesmo? A senhora sabe onde que esses bichos costumam viver?

S.M.C: Ne brejo, né? Lagoa.

P: A senhora sabe o que são espécies? Ou não?

S.M.C: Não.

P: E quando a senhora via? A senhora via mais sapo, mais rã?

S.M.C: Mais era rã.

P: Mais rã mesmo? Você sabe em qual época do ano esses animais costumam aparecer? Se é no frio, se é no calor...

S.M.C: Ah, no calor.

P: Você sabe se eles têm benefícios pra gente? Ou se não faz nada? Se é bom, se é ruim, o que a senhora acha?

S.M.C: Não “eis” não faz nada não.

P: Você acha que ao longo dos anos esses animais diminuíram ou aumentaram?

S.M.C: Diminuiu.

P: E por que a senhora acha isso?

S.M.C: Eu acho que muita coisa, né? Muita água contaminada.

P: Pois é. Tem algum desses animais que a senhora nunca mais viu? Da época que a senhora via? Por exemplo, a pimenta. Que é vermelhona.

S.M.C: Não tem visto, não.

P: E aquela aqui que fica grande?

S.M.C: Aquela quando chove parece.

P: Aparece aqui no quintal?

S.M.C: Parece, parece.

P: Existe alguma história que a senhora já ouviu desses bichos? Alguma história que o pessoal fala?

S.M.C: Não, eu contava para as minhas meninas, na verdade, como é que o sapo fazia. Como é que ele pulava. É, diz que xixi de sapo põe cego, né? Se for cair no olho.

P: A senhora já encostou nesse bicho?

S.M.C: Eu não.

P: Por quê?

S.M.C: Medo. Dele mijar.

P: Você sabe se eles são perigosos?

S.M.C: Ah, eu acho.

P: E quem que te contou sobre eles ou a senhora aprendeu sozinha?

S.M.C: Contava minha avó. Falava, não fica perto desse bicho não, que esse bicho é do lado de lá, o bicho vai mijar no cê hein.

P: Você acha que aqui no Pontal, nos últimos anos, teve algum desaparecimento de lagoa, de rio, o rio diminuiu?

S.M.C: Diminuiu muito.

P: Teve muita queimada nessa região perto do rio?

S.M.C: Teve, teve queimada demais. Nossa senhora. Ai ó, você viu ontem, ó, tudo sujo. Não, cê imagina?

P: E suja aqui tudo?! Vou te mostrar uma foto pra ver se a senhora conhece um desses bichos aqui. O que a senhora acha que é sapo, rã ou perereca? Já viu?

S.M.C: É rã.

P: O que a senhora acha que é sapo, rã ou perereca? Você sabe como é que chama essa aqui?

S.M.C: : É rã-pimenta. É rã-pimenta mesmo. E ela queima, gente, uma quantidade. Nossa, comia demais isso aqui. Mas eu não como mais não.

P: E essa aqui, a senhora conhece essa?

S.M.C: Essa é rã.

P: E essa aqui, a senhora conhece ela?

S.M.C: Essa aí? Essa aí eu conheço não.

P: Essa aqui chama rã-manteiga. A hora que você pega nela assim, ela escorrega igualzinha a manteiga. E esse aqui, Sapo, rã ou perereca? A senhora já viu, já pegou?

S.M.C: Esse é sapo. Já vi já, mas pegar não pego não.

P: E esse aqui, é sapo, rã ou perereca?

S.M.C: É perereca. Essa é perereca, isso mesmo. Eu quando pegava café, minha filha, nossa senhora. Essas ficavam tudo perto de café. Pulava. Aí nós batia pra ir embora. Já pegava, pulava na carreira do outro.

P: E esse aqui, sapo, rã ou perereca? A senhora conhece.

S.M.C: Ah esse é sapo né? Grande.

P: E essa última foto, a senhora sabe o que que é?

S.M.C: Essa é perereca também.

P: Dona Sandra, muito obrigada por participar viu? Um abraço pra senhora, fica com Deus.

ENTREVISTA 2

Paula: O título da minha pesquisa é um levantamento histórico regional da anurofauna na perspectiva da população de Ponte Nova. E aí, eu preciso do seu nome completo, deixa eu criar o link de preenchimento. Qual seu nome todo?

Geraldo: Geraldo Afonso Gomides Sena.

P: Seu endereço atual?

G.A.G.S: Rua José Pedro Dias 378.

P: E onde você teve contato com esses anfíbios?

G.A.G.S: Fazenda Boa Vista. Localizado ali perto do Pontal.

P: Perfeito. Quantos anos você tem, Geraldo?

G.A.G.S: 60. 60 anos.

P: Atualmente, onde você mora aqui em Ponte Nova, você vê presença de anfíbio?

G.A.G.S: Não.

P: Você lembra qual foi a última vez que você ouviu um sapo, uma rã, uma perereca?

G.A.G.S: Eu ouço direto. Eu vou na roça direto também. Frequentemente na roça.

P: O que você fez com o bicho? Você viu, você pegou? Deixou ele lá?

G.A.G.S: Rã eu já peguei muito, já comi muito. Sapo, nunca matei não mas já vi bastante..

P: Então a próxima pergunta você já pode me responder: Você já comeu carne de rã?

G.A.G.S: Bastante. É boa demais.

P: Você sabe onde esses animais vivem?

G.A.G.S: Geralmente em brejo. Lagoa.

P: E qual que é o bicho que você mais vê lá na região da roça?

G.A.G.S: Hoje mais rã mesmo.

P: Qual época do ano você acha que eles aparecem mais?

G.A.G.S: Agora que eles estão começando a aparecer, né? (entrevista realizada em novembro)

P: Eles se alimentam de alguma praga?

G.A.G.S: Comem, comem barata, insetos né.

P: Você acha que ao longo dos anos esses animais diminuiram ou aumentaram?

G.A.G.S: Diminuiu bastante.

P: Por que que você acha?

G.A.G.S: A caça né, da rã é o consumo. E o sapo é... Como é que eu vou te falar? Priorização do solo, né? Muito remédio, muito remédio.

P: Existe alguma história que você já escutou sobre esses bichos? Algum caso antigo que os antigos contavam?

G.A.G.S: O mito é que a gente ouvia de menino, que o sapo não podia mexer com o sapo porque ele urinava no olho da gente. E pra espantar o sapo, que eu nunca fiz, que eu acho que é uma covardia também, é que muita gente joga sal nele. É porque o sapo respira pela pele também. E quando você joga sal, você impede de respirar.

P: Você acha que esses animais são perigosos?

G.A.G.S: Não.

P: Com quem você aprendeu sobre eles?

G.A.G.S: Com vivência.

P: Na região da roça, teve alguma mudança drástica nela? Seca? Um lago que encerrou? Um riacho? Que tinha e hoje em dia não existe mais?

G.A.G.S: Diminuiu bem as águas.

P: Agora a gente vai passar pra umas fotos aqui. E aí eu queria que você olhasse pra mim esse animal. E eu quero saber se você conhece ele, se você já viu ele na região

e qual que é o nome. O que você acha que é? Vamos por partes. Sapo, rã ou perereca?

G.A.G.S: Esse é sapo.

P: Você já viu ele lá pela região da roça?

G.A.G.S: Não.

P: E esse aqui? Sapo, rã ou perereca.

G.A.G.S: Esse é rã. Vermelhona desse jeito aqui? É a pimenta, né?

P: É ela mesma, a pimenta. E essa aqui?

G.A.G.S: Parece rã também. É uma rã.

P: Você conhece a espécie dela?

G.A.G.S: Não.

P: Essa aqui é a rã manteiga. Aquela que escorrega quando a gente pega ela. E essa aqui?

G.A.G.S: Esse é um sapo marrom.

P: E esse? Já viu?

G.A.G.S: Perereca. Essa é uma perereca. Vê muito lá na roça viu.

P: E esse aqui?

G.A.G.S: Estilo de rã.

P: E esse aqui?

G.A.G.S: Essa é perereca. A gente chama de perereca de mata, né? De árvore.

P: Perfeito, Geraldo. Eu queria te agradecer por participar dessa pesquisa.

ENTREVISTA 3

Paula: Minha pesquisa é um levantamento histórico regional, tá? Sobre a anurofauna, e eu vou te fazer umas perguntinhas aqui. Primeiro, seu nome.

Wilson: Wilson do Nascimento Júnior.

P: Ótimo. Wilson do Nascimento Júnior. Seu endereço atual.

W. N. J: Rua Filipinas 169 Rasa.

P: É nesse endereço que você já teve algum contato com anfíbio, ou nunca teve? Já apareceu sapo por lá?

W. N. J: Sim, já apareceu.

P: Jóia. Quantos anos você tem?

W. N. J: Eu tô com 44 anos.

P: Perfeito. Tem anfíbios na região que você mora? Sapo, rã, perereca?

W. N. J: Sim, tem.

P: E qual foi a última vez, nesses anos, que você viu um desses animais?

W. N. J: Foi na quarta-feira passada, quando choveu lá perto de casa. Quando chove é assim que aparece muito sapo, rã.

P: E você fez alguma coisa com esse animal? Você tocou, você espantou?

W. N. J: Não, toquei não. Ficou lá no mesmo lugar.

P: Você já comeu carne de rã?

W. N. J: Não.

P: Nunca comeu, já teve vontade?

W. N. J: Não.

P: Você sabe onde esses animais vivem?

W. N. J: Esses animais, assim no meu entendimento, devem viver mais perto de lagos ou lagoas, né?

P: Você sabe se tem alguma espécie na sua região que é vista ou você não sabe identificar espécies?

W. N. J: Não sei.

P: Qual a época do ano que esses animais costumam aparecer?

W. N. J: Tempo de chuva.

P: Perfeito. Eles se alimentam de alguma praga?

W. N. J: Pelo que eu estudei, quando eu estudei, parece que eles se alimentam de insetos, de grilos, esses negócios assim.

P: Você acha que os animais diminuíram ou aumentaram ao longo dos anos?

W. N. J: Pra mim, no meu conhecimento, eu acho que tá assim, tá a mesma coisa. Não diminuiu e nem aumentou.

P: Tem algum desses animais que você encontra com mais frequência?

W. N. J: Sapo.

P: Perfeito. Você já escutou alguma história sobre esses animais? Se você já tiver escutado, me conta um pouquinho dessas histórias.

W. N. J: Não, não. Quando eu era criança, eles falavam, né, que a gente pegava, fica com a... dá tipo... é micróbio, né? O cobreiro que o pessoal falava.

P: Você já encostou em algum desses animais?

W. N. J: Não.

P: Sabe se eles são perigosos?

W. N. J: Não, não são perigosos.

P: Alguém te explicou alguma coisa sobre esse bicho, alguns anos atrás?

W. N. J: Só na escola que falavam que o sapo, ele... que tem um ciclo dele, que antes dele ser sapo, ele é tipo... é um girino, aí depois ele vira sapo.

P: Lá na Rasa, onde você mora, teve alguma mudança na paisagem? Sumiu o lago, sumiu a lagoa, teve queimada?

W. N. J: Não, tudo a mesma coisa, tudo a mesma coisa.

P: Por acaso você já viu esse animal aqui?

W. N. J: Sim.

P: E aí eu vou te perguntar, né, o nome dele, se você souber ou não, e se ele é um sapo, uma rã ou uma perereca, mas aí você pode responder do seu jeitinho. Não tem certo ou errado, não.

W. N. J: Isso parece ser mais uma rã.

P: Ótimo. Nome você também não sabe dela, né?

W. N. J: Sei não.

P: E essa aqui?

W. N. J: Ah, essa é rã também.

P: E o nome?

W. N. J: Ai, meu Deus, sei não.

P: Essa?

W. N. J: Nunca vi. Parece ser rã.

P: E esse aqui?

W. N. J: Esse aqui é sapo.

P: E esse bonitinho? Sapo também, rã ou perereca. O que você acha?

W. N. J: Sapo.

P: Esse aqui, sapo, rã ou perereca?

W. N. J: Sapo também.

P: E essa última?

W. N. J: Esse parece sapo também.

P: Juninho, eu quero te agradecer pela sua participação, tá? Essa é uma pesquisa simples, não tem certo ou errado.

ENTREVISTA 04

Paula: Essa é a entrevista número 04 do meu TCC de trabalho de conclusão de curso. E eu preciso de alguns dados seus. O primeiro é o seu nome.

M.C.M: Nome completo?

Paula: Isso.

M.C.M: Marlon Cassiano Martins.

Paula: Marlon, quantos anos você tem?

M.C.M: 28.

Paula: Seu endereço atual?

M.C.M: Fazenda da Serra - Vau Açu.

Paula: E você é natural de lá também?

M.C.M: Sim, isso mesmo.

Paula: Perfeito. Tem anfíbios na região que você mora?

M.C.M: Sim.

Paula: Quais? Você saberia citar?

M.C.M: Sapos. Distinguir entre eles, eu não sei.

Paula: Qual foi a última vez que você viu um desses animais?

M.C.M: Ah, tem muito tempo.

Paula: Muito tempo?

M.C.M: Tem.

Paula: Você fez alguma coisa quando você viu ele? Tocou, espantou? Deixou ele quietinho?

M.C.M: Não, não deixei ele. Eu deixei ele quieto no canto dele lá.

Paula: Você já comeu carne de rã?

M.C.M: Não.

Paula: Nunca?

M.C.M: Não.

Paula: Saberá me dizer onde esses animais vivem?

M.C.M: No meio do córrego, lá perto. Lá em cima da localidade.

Paula: Você sabe distinguir alguma espécie? Ou você só sabe o geral?

M.C.M: Só sei geral.

Paula: Joia. Esses animais trazem benefícios?

M.C.M: Não. Eu creio que sim e também não.

Paula: Você acha que eles aumentaram ou diminuíram ao longo dos anos?

M.C.M: Diminuíram.

Paula: Por que você acha?

M.C.M: Antigamente eu ouvia muito mais.

Paula: Você escutava muito também?

M.C.M: Eu ouvia bastante.

Paula: Atualmente você falou que viu mais sapos, né?

M.C.M: É.

Paula: Tem algum dos bichos que você não vê mais? De jeito nenhum?

M.C.M: Não, eu costumo ver um ou outro, mas é muito difícil.

Paula: Você já escutou alguma história dos antigos sobre esses animais?

M.C.M: Eu já ouvi alguma, só que meu avô contava.

Paula: Quais que eram as histórias?

M.C.M: Só falava que a noite falava quando eles começavam a fazer barulhos que era sinal de chuva.

Paula: Você já encostou em algum desses animais?

M.C.M: Não.

Paula: Sabe se eles são perigosos?

M.C.M: Eu acho que não.

Paula: Você falou que quando você vê, você não costuma fazer nada. E alguém te contou sobre eles em algum momento da vida?

M.C.M: Não.

Paula: Lá no Vau Açu, teve alguma mudança na paisagem? Queimada, sumiu rio?

M.C.M: Queimada teve muito. Teve só nascente, é que secou.

Paula: Agora eu vou te fazer umas perguntas desses bichinhos aqui. E vou te perguntar se você conhece eles. Esse bicho aqui, você já viu ele? Você reconhece ele?

M.C.M: Esse aí tá parecendo uma rã.

Paula: Realmente é uma rã. Esse aqui é um macho de rã touro. Esse bichinho aqui, esse de cima. Isso. Conhece?

M.C.M: Não sei.

Paula: Nem ideia?

M.C.M: Uma rã também?

Paula: Uma rã também. Esse de baixo.

M.C.M: Esse aí é um sapo.

Paula: Deixa eu passar para a próxima folha aqui, que a gente está terminando. Esse aqui. Sapo, rã ou perereca? O de cima.

M.C.M: Esse aqui é um sapo. Eu tenho certeza de que é um sapo, porque eu lembro. Quando eu estudava, eu vi a foto desse aqui em um livro de escola.

Paula: Olha só. E esse aqui de baixo?

M.C.M: Esse daqui é uma perereca.

Paula: Acertou também. Esse. Sapo, rã ou perereca?

M.C.M: Um sapo.

Paula: Esse aqui é conhecido como sapo bote, mas é na verdade uma rã.

E por fim, essa última bonita aqui? Você já viu dela?

M.C.M: Essa aqui é uma perereca.

Paula: Também é uma perereca. Bom, eu queria te agradecer por participar da pesquisa, viu? Obrigada.

ENTREVISTA 05 E 06

Paula: Bom gente, essa é a quinta entrevista de hoje, gravada. E eu vou estar entrevistando aqui, qual que é o seu nome?

Luciana: Luciana Silveira.

Paula: Luciana Silveira, e o da senhora?

Verônica: Verônica Miguel.

Paula: A Luciana tem quantos anos?

L.S: 53.

P: E você?

V.M: Quarentão.

P: Quarentão. Qual que é o endereço atual de vocês na zona rural?

L.S: Ranchos Novos.

V.M: Ranchos Novos.

P: Vocês são naturais de lá, nasceram aqui em Ponte Nova mesmo?

L.S: É, dos dois, né? Porque, pra nascer, tinha que ficar aqui.

P: E aí depois vocês mudaram pra lá. Perfeito. Vocês sabem se tem sapo, rã e perereca na região em que vocês moram?

V.M: Olha, sapo tem bastante. Agora, perereca eu já não sei te informar, não.

L.S: Rã eu tenho escutado muito também.

P: Você sabe me dizer qual foi a última vez que vocês viram um desses animais?

V.M: Tem um bom tempo que a gente não vê, né? Só escuta, né?

L.S: Só escuta.

P: Quando vocês viram, vocês já fizeram alguma coisa, tocou, espantou, tem medo?

V.M: Não, só pega com a pazinha e joga no meio do mato e vai com Deus.

L.S: É, eles falam, os antigos, né, que se você não quer, precisa jogar sal, né?

P: É verdade, é verdade, mas faz mal jogar sal, o sal mata eles. Vocês já comeram carne de rã?

V.M: Eu comi muitos anos, uma vez só.

P: E não gostou, não?

V.M: Não, gostar gostei.

P: E a senhora?

L.S: Não comi, não.

P: É bom demais, gente, igualzinho frango.

V.M: É.

P: Vocês sabem me falar onde eles vivem?

V.M: Mais é onde tem água, mais ou menos, perto dos córregos que tem lá.

L.S: E brejo.

P: É. Certo. Espécies vocês não sabem identificar, né?

V.M: Não, não sei.

P: Tá, joia. Você sabe qual é a época do ano que eles costumam aparecer?

V.M: Não, não sei te falar.

P: E você?

L.S: Não, também não tenho nem ideia.

P: Esses animais trazem benefícios ou eles são ruins pra gente?

V.M: Ruins, por enquanto, graças a Deus, nunca deu problema não, porque eles vivem mais no habitat deles lá mesmo.

P: Isso mesmo.

L.S: Então nunca deu problema. Traz benefícios, por conta do ecossistema, né?

P: Olha só, é verdade, isso mesmo, parabéns. Você acha que eles aumentaram ou diminuíram ao longo dos anos?

V.M: Não sei te dizer. Eu acho que aumentam porque tem uma cadeia alimentar, né? Então, cada um vai ali.

L.S: Eu acho que aumentaram. Eu acho.

P: Vocês falaram que vocês encontram muito sapo, rãs, vocês não veem mais a perereca, né? É.

V.M: Não sei identificar qual é.

L.S: Não sei identificar. Mas deve ter.

P: História de antigos, vocês já escutaram alguma lenda ou não?

V.M: Não, não sei.

L.S: No meu caso, sim, né? Que você jogava sal pra você não ter eles na sua residência, né? Mas descobri que isso aí é uma coisa ruim que fazem a eles. Você joga o sal, eles morrem.

P: Vocês já encostaram? Tiveram coragem de encostar ou nunca?

L.S: Dizem que ele é bem molinho, né?

V.M: Não, nunca peguei. Também não tem vontade, não.

P: Vocês sabem se eles são perigosos?

L.S: Olha, dizem que tem uns que sim, mas não sei diferenciar, não. Porque tem uns que acho que jogam um líquido, não sei. Dizem que é muito perigoso.

V.M: Dizem que fazem doença, mas também não sei de onde é qual a doença.

P: E quem contou pra você sobre esses animais? Vocês aprenderam na escola? Foi por conta própria?

V.M: A gente já vai vendo, né?

L.S: Na escola também, mas já tava vendo.

P: E lá na região que vocês moram? Teve rio que sumiu? Queimada? Ou ao longo dos anos não mudou nada? Corregozinho?

V.M: Não, não mudou assim. não.

L.S: Ainda tem os córregos lá. As queimadas são menos. As queimadas tem bastante.

P: Tá com muita queimada lá?

L.M: Ano passado teve demais. No Brasil inteiro né?

P: Aí, gente, agora eu tenho umas fotos dos bichinhos aqui, ó. Vou mostrar pra ela primeiro. (VM) Esse bicho aqui, você acha que é o quê? Um sapo, uma rã ou perereca?

V.M: Menina... Pra mim é um sapo, não sei diferenciar.

P: E pra você?

L.S: Perereca?

P: Vou contar pra vocês no final, tá?

V.M: Perereca eu acho que é pequenininha.

P: Vou mostrar pra vocês. Eu tenho mais alguns pra gente ver aqui um bocadinho, ó. Essa vermelhona aqui. O que você acha que é?

V.M: Pode ser o sapo.

P: E você?

L.S: Eu acho que eles são grandão. É o sapo, não é não?

P: Essa aqui debaixo. O que vocês me contam?

V.M: Essa aí, ó. Tudo é sapo.

P: E pra você?

L.S: Não sei. Eu não sei identificar.

P: Ó, esse grandão aqui eu acho que vocês vão acertar. Esse primeiro aqui de cima.

V.M: Ah, só se for a perereca, porque eu sei que a perereca é pequena.

L.S: Acho que é isso.

P: E a senhora?

L.S: Eu vou com ela.

P: Você vai com ela? Essa debaixo, aqui, ó. Essa do meio.

V.M: Ah, não sei.

P: E a senhora?

L.S: Perereca.

P: Ó, esse último aqui. O que é que é?

V.M: Não é um sapo?

P: E pra senhora?

L.S: Aham.

P: Vou contar pra vocês tudo no final, viu? E, por último, essa verdona aqui, ó.

V.M: Essa verdona é bonita, gente, ó. Eu já vi, mas não sei dizer se pode ser uma perereca também.

L.S: É uma perereca também. Uma pequenininha, é. Acho que a perereca é só uma vez.

V.M: Não, porque eu acho que elas são pequenas.

P: Vou agradecer vocês primeiro por participar e agora as respostas: a primeira foto é uma rã, a rã-touro, na segunda uma rã pimenta, a terceira uma rã manteiga, o quarto um sapo cururu, o quinto uma perereca, o sexto uma rã e a última é uma perereca verde. Muito obrigada.

ENTREVISTA 07

Paula: Esse é o meu trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal de Viçosa e é um levantamento sobre os conhecimentos populares de sapos, rãs e pererecas, tá? Seu nome, por favor.

Fabiane: Fabiane.

P: Fabiane de quê?

F.O: Fabiane de Oliveira Andrade.

P: Quantos anos você tem, Fabiane?

F.O: 46.

P: Seu endereço atual?

F.O: Rua Independência, número 29, apartamento 102.

P: E onde você teve contato na zona rural? Qual bairro?

F.O: Zona rural que teve era Florença é pro lado do Barro Branco.

P: Perfeito. Vamos lá. Existem anfíbios na região que você mora?

F.O: Sim.

P: Qual foi a última vez que você viu um sapo, uma rã ou uma perereca?

F.O: Ah, tem bastante tempo.

P: Muito tempo? O que você fez com esse animal?

F.O: Eu saí correndo porque eu tenho pânico.

P: Então você já comeu carne de rã?

F.O: Já.

P: E gostou?

F.O: Gostei. É uma delícia, né?

P: Você sabe me dizer onde esses animais vivem?

F.O: Eu acredito que deve ser no bueiro, porque quando eu achei lá no sítio foi dentro do bueiro. Estava lá pra comer escorpião, o sapo, né?

P: Ah sim.

F.O: Porque a rã eu acho que fica no brejo.

P: Você sabe me diferenciar alguma espécie?

F.O: Não.

P: Não? Então, qual época do ano você acredita que eles costumam aparecer?

F.O: Deve ser época de chuva, né?

P: Sabe se esses animais trazem benefício?

F.O: Eu acho que sim.

P: Você acha qual que seria?

F.O: Ah, não sei. Igual assim, vamos supor, eu fiquei sabendo que o sapo, ele tá ali, ele... Benefício que eu falo assim, né? Pra gente, no caso. Porque ele é o único animal que o escorpião não morde, não sei, né? Então, fiquei sabendo isso há pouco tempo.

P: Você acha que ao longo dos anos eles aumentaram ou diminuíram?

F.O: Diminuiu.

P: Você sabe por quê?

F.O: Ah, deve ser por causa de desmatamento, né? Essas coisas.

P: Você costuma ver mais sapo ou perereca lá na roça?

F.O: Ah, eu não sei diferenciar eles não. Eu acredito que deve ser perereca.

P: Tem alguma história que você já escutou sobre esses animais?

F.O: Não.

P: Nenhuma?

F.O: Nenhuma.

P: Você já tocou em algum deles?

F.O: Também não.

P: Sabe se eles são perigosos?

F.O: Não, acho que eles não são, não.

P: E quando você vê eles, você falou que você corre?

F.O: Isso.

P: Com quem você aprendeu sobre esses animais? Na escola? Alguém já te mostrou quando você era pequena?

F.O: Ah, quando a gente era pequena, os próprios pais, a gente vai identificando os animais, né?

P: Lá na região da roça, teve alguma paisagem que mudou?

F.O: Não.

P: Se secou lago, queimada?

F.O: Nada.

P: Perfeito. Agora vamos lá, ó. Esse bichão aqui, você já viu algum deles?

F.O: Já.

P: Você acha que é o quê? Sapo rã ou perereca?

F.O: Pra mim é um sapo.

P: Tá. Depois eu te falo as respostas. O próximo aqui, ó. Esse vermelhão aqui de cima.

F.O: Parece o sapo.

P: O próximo, sapo, rã ou perereca?

F.O: Essa é a pimenta.

P: Certíssimo, é uma pimenta. E esse aqui de baixo?

F.O: Isso é um sapo.

P: Ah, depois eu vou te falar o que é. Essa aqui é uma rã manteiga. Ela escorrega igualzinho manteiga quando você pega nela.

F.O: Ah, é?

P: Uhum. Esse aqui. Esse aqui eu acho que você conhece.

F.O: Não, não sei dizer.

P: Esse é um sapo cururu, aquele grandão que aparece. Esse aqui debaixo?

F.O: Esse é Perereca.

P: Isso mesmo. Este outro aqui?

F.O: Rã.

P: Isso mesmo, parabéns. Mas o nome popular dela é sapo bode. Mesmo que seja uma rã. E esse último, o que você acha que é?

F.O: Esse é uma perereca. As pernona dela.

P: É uma perereca, isso mesmo. Aqui, eu queria te agradecer por participar, viu? E eu vou te entregar aqui agora o termo de compromisso.

ENTREVISTA 08

Paula: Vou começar as perguntas aqui, tá? Tô gravando um áudio com o senhor, e primeiro eu quero saber seu nome.

José: José Rodrigo de Oliveira.

P: Quantos anos você tem, José Rodrigo?

J.R :79.

P: Sete e nove?

J.R: É.

P: Qual que é o endereço atual do senhor? É... Lá na zona rural.

J.R: Sítio Porto Brásido.

P: Beleza. Tem sapo, rã e perereca lá na região que o senhor mora?

J.R: É, de encher carro. É... Sapo, rã...

P: Você já comeu rã?

P: Já, é uma delícia.

J.R: Farofa de rã?

P: Farofa, eu nunca comi não.

J.R: Farofa que é o mais gostoso, tá? Farofa de rã.

P: Qual foi a última vez que o senhor viu um desses animais perto lá da casa?

J.R: Diariamente, ontem mesmo eu tô saindo à noite em casa, perto do brejo, aí aqueles sapinhos, aqueles miudinhos, pulando na minha frente assim, eu falei, não. Aí eu tive que desviar dele pra não pisar nele. Ei, quase que eu fiz uma perereca hoje de noite em casa. Aí, a história tem, né? Tem ou não tem? Muita perereca, tem. Mora perto do brejo, né? É...

P: E aí o senhor fez nada com ele?

J.R: Não, deixei ele andar na frente. Não, não pode pisar não, tá bom.

P: Aí a próxima o senhor já até me respondeu que ia comer carne de rã.

J.R: Exatamente. Que é boa demais. Farofa de rã.

P: Você sabe onde é que eles moram? Onde é que eles vivem? O ambiente deles ali?

J.R: O ambiente deles tem que ser lugar fresco, é só lugar fresco, lugar de morro não. Sapo não gosta de lado de morro não. Porque eu não sei. Não, é só no fundo do brejo, né, cara? Só fica lá no fundo. É...

PESSOA QUE PASSAVA DURANTE A ENTREVISTA: Não tem recurso pra acabar com ela, vou espantar pelo menos.

J.R: Não, não pode acabar com o bichinho não. Não, o bichinho eu sei, mas... A natureza, a cobra persegue muito o sapo, né?

P.: Persegue. Elas comem tudo.

J.R: Uma cobra quando engole um sapo, fica 3 dias sem comer.

PESSOA QUE PASSAVA DURANTE A ENTREVISTA: Mas é... Eu não sei se você está na pesquisa, não sei se você tem alguma coisa pra espantar no caso. Você tem algum produto, alguma coisa ou não?

J.R: Pra espantar a perereca? Espantar os bichos, eles não vão espantar, porque quanto mais sapo o perereca e rã tem, melhor está a região.

Já pensou? Está menos poluída, está a água tratada. Mais a mudança de água. É. Sabia dessa? Eles indicam os lugares que estão bons.

PESSOA QUE PASSAVA DURANTE A ENTREVISTA: ó que aparecia muito, aí acontece, aí cascavel aparecia. É. Geralmente lá não tem como, tem uma mata que é muito... Muita cascavel, né? Tá dando demais de Jararaca também. Aí o menino que me ensinou, enxofre, precisa jogar em torno da casa. É. Até o sapo espanta.

P: Espanta, mas aí mata tudo junto.

PESSOA QUE PASSAVA DURANTE A ENTREVISTA: É, só custou um atalho. Entendeu?

J.R: Nosso Deus.

PESSOA QUE PASSAVA DURANTE A ENTREVISTA: Mas não é muita não, né? Ah, não é muita não. Porque lá em casa é o seguinte, lá em casa tem... Não, pra frente é uns três quilômetros, mas só capoeira. Não tem casa, tem não. Então elas desce tudo. E elas não gostam de ficar no meio do mato.

J.R: Não, elas querem ficar em um lugar limpo. Mas o bom dela é que ela avisa. Dá sinal.

P: Qual época do ano que o senhor acha que elas aparecem mais?

J.R: Dependendo da chuva, né? No verão, essa época agora.

P: Você já me respondeu que traz benefício aí, que o senhor é entendido.

J: Todo lugar que tem rã, essas daí, é na água. É na água. Portanto, eu já comi. Mas nem mexe com isso mais, sabe por quê? Vai acabar com a natureza, vai acabar com o bicho. Tem tanta coisa, tem tanta carne pra comer, porco, boi, galinha, pato.

P: E você sabe que agora tem criação de rã também, né?

J.R: Aquela é criada em cativeiro, né? É. Aquela dali, a criança pode comer, não tem problema nenhum. Mas aquela assim caipira, que vem do mato, tá coitadinha. Tem a pimenta, você conhece, viu?

P: Conheço, tem ela aqui. Eu vou ver se o senhor vai acertar qual que é. Ó, você acha que esses animais diminuíram ao longo dos anos ou aumentou?

J.R: Esses animais, pra mim, na minha região, tá aumentando.

P: Na sua região tá aumentando?

J.R: Tá aumentando.

P: Perfeito. O senhor já ouviu alguma história sobre elas?

J.R: Sobre o quê, por exemplo?

P: Sobre leite de sapo, pessoal conta.

J.R: Leite de sapo? A história que eu ouvi é que, é que diz que mijo de rã, se cai no olho. Ele mijou no olho do meu irmão uma vez, me mandou pro banheiro, ele tava na porta do banheiro, ela abriu, aí na hora que ela abriu a porta, ele fez xixi, ele saiu correndo e pegando no olho. Ele pensou que ia ficar cega. Aí, um tempo depois, ele foi no oculista e ele falou assim, não tem problema, não tem problema, não fala com ele, agora ele tem que arrumar um outro sapo pra mijar no outro olho também!

GARGALHADAS

J.R: A rã mija mesmo.

P: Ela mija pra fugir da gente. Ela mija pra fugir.

J.R: É que é de medo, o que que é?

P: É medo.

J.R: É a defesa dela?

P: Isso, isso mesmo.

J.R: A natureza é viva, né?

P: É, é muito legal.

J.R: Coitadinha. É defesa dela.

P: Aqui, o senhor aprendeu coisas com alguém? O pai do senhor? O avô? Alguém já contou pro senhor ou o senhor aprendeu sozinho.

J.R: Sozinho.

P: Na região lá do senhor, onde o senhor mora, “cabo” rio, mato, ou melhorou?

J.R: Eu moro perto do Rio Ipiranga. Cabo nada.

P: Ah, tá. Então é bom demais. Eu vou te mostrar umas fotos agora.

Essa aqui, qual que o senhor acha que é? Essa verdone aí, ó. É rã, sapo ou é perereca?

J.R: Olha aí, isso aqui é rã ou é sapo? Sapo, né? Dá pra pensar. Tá bom.

P: Essa é uma rã-touro. É essa que o pessoal tá fazendo pra comer agora.

J.R: Por isso que eu não conheci.

P: E essa vermelha aqui? Essa aqui, o senhor sabe.

J.R: É rã-pimenta. Rã-pimenta, é?

P: E essa aqui de baixo? Essa, eu vou te dar uma dica, ó. Ela escorrega igual manteiga.

J.R: Fala aqui qual que é.

P: Rã-manteiga.

J.R: Você tá brincando?

P: Tô falando, sério.

J.R: Come também?

P: Pessoal come também. Aqui, esse aqui, o senhor conhece?

J.R: Aí é o sapo, né? É um sapão. Um sapo cururu.

P: É, o cururu. E esse aqui? Esse outro, você conhece?

J.R: Sapo também.

P: Esse, sapo rã ou perereca.

J.R: Esse é rã.

P: E essa última aqui?

J.R: Daqui? Menina, eu posso contar uma história?

P: Pode.

J.R: Você não vai rir de mim, não?

P: Não, não vou rir, não. Não vou rir.

J.R: Eu sou nascido e criado na roça. É, eu tenho 79 anos. Saia aqui as cartilhas, eu tava na escola, né? Menina, é... Eu tinha comprado duas cartilhas por causa da primeira história, que era a perereca verde. Eu ia peleando, eu não conseguia. Daqui a pouco ia rasgava, e eu não saía da perereca verde. É só hoje que o telefone está estragando a nação, tá? Fala a verdade.

P: É verdade. Obrigada viu seu José, é só isso mesmo!

J.R: Cabô? De nada, precisando cê volta aqui.

ENTREVISTA 09

Paula: Essa, hoje, é a sétima entrevista do dia. Qual é o seu nome?

Joviana: Meu nome é Joviana.

P: Joviana de quê?

J.E: Eugênia da Silva.

P: Qual que é a sua idade, Joviana?

J.E: Eu tenho 44 anos.

P: E a senhora mora onde lá na zona rural?

J.E: Eu moro no Massangano no sítio do Cunha.

P: Sítio do Cunha? É longe?

J.E: Na saída indo para Viçosa.

P: Ah, tá. Eu sei onde é que é, que desce o morro assim.

J.E: Isso.

P: Tem sapo, rã e perereca lá na região que você mora?

J.E: Tem.

P: Muito ou pouco?

J.E: A perereca tem bastante, porque vai mexendo nos bananeiros, elas sai pulando, pulando. Então, mais é no brejo, né? Es gritando, né? Tem sapo, né? O terreno tem que aparecer o sapo, lá tem uns pulando no terreno.

P: Ah, é bom demais, então. Que aí não aparece outro bicho, não. Qual foi a última vez que você viu um deles?

J.E: Ontem mesmo. Ontem fui lavar roupa, vi de olho na máquina de lavar roupa, a perereca.

P: Você fez alguma coisa com ela?

J.E: Não, eu só joga elas pro terreno que eu não gosto de matar não.

P: Você joga com a mão ou com a vassoura?

J.E: Eu joga com a vassoura, né? Eu joga com ela, porque eu tenho medo. Eu não vou pegar com a mão, por causa odo cobreiro, né? Que eu saio com o cobreiro, né?

P: Você já comeu carne de rã?

J.E: Não, nunca comi não, mas meu pai comia muito.

P: O seu pai que comia?

J.E: Meu pai comia muito rã.

P: É uma delícia, viu? Você sabe onde que eles vivem? Você já me respondeu, né? Lá no brejo.

J.E: É, no brejo.

P: Espécies você não sabe identificar, não, né?

J.E: Tem a rã pimenta, né? E tem a outra rã. Eu não sei como é que chama o outro, o nome da outra rã. A pimenta, eu sei que é aquela mais vermelhinha.

P: É uma mais marrom, grandona, assim? Essa chama rã manteiga.

J.E: A manteiga, né?

P: Ah, beleza. Você sabe me falar em qual época do ano que esses animais aparecem?

J.E: Primeiro, lá pra nós, direto, tem a rã. A gente sempre vê a rã, o sapo, a perereca, esses trem pulando. Sabe? Também podia né, tá caindo muito bichinho.

P: É verdade, hein? Você sabe se esses animais trazem benefícios pra gente?

J.E: Assim, não posso dizer se não, né? Mas pra algumas pessoas, que tem gente que faz até a criação do sapo, esses trem assim, né? Pra gente que não tem coisa pra fazer com esse tipo de animais, então...

P: Não, tá jóia. Você sabe se esses animais diminuíram ou aumentaram com o passar dos anos? O que você acha?

J.E: Eu acho que algumas partes, dependendo do local, diminuíram sim. Porque em muitos lugares a gente já não vê mais nem a rã gritar mais do que a gente via antigamente.

P: Pois é. Você falou que você vê mais a rã e a perereca, né? A rã lá no brejo e a perereca pulando. Tem alguma história que você já escutou sobre esses bichos?

J.E: Não.

P: Nenhuma? Você já encostou em algum deles?

J.E: Eu já. Já chegou pula no meu braço.

P: E aí que que você achou? Você ficou com nojo?

J.E: Não, nojo eu não fiquei não. Não é coisa também de chegar pra dar nojo, né? Às vezes eu fiquei com medo mesmo. Porque é muito frio nessa parte.

P: É verdade. Você sabe se eles são perigosos?

J.E: Muita gente fala que tem uns que são venenosos, né? Mas eu não sei dizer qual a qualidade desses que são venenosos, né?

P: Entendi. Quem que te contou sobre esses animais? Você aprendeu sozinha na escola?

J.E: Meu pai e minha mãe sempre falavam que tem uns sapos que são venenosos, né? Geralmente o sapo foi aquele que pula mais que eles incha, né?

P: Na sua região, sumiu córrego? Teve queimada ultimamente?

J.E: Não, perto de casa, próximo do meio do terreno, não. Mas por perto, lá por lá, teve várias queimadas. Queimou bastante mata lá, bastante terra. Então morreu bicho demais?

P: Com certeza.

J.E: Queimou bastante mata lá por perto.

P: Agora eu vou te mostrar umas fotinhas. E aí você vai me falar se você conhece, já viu. E o que que é. Essa aqui você conhece ela?

J.E: Essa é a rã, aquela amarelinha, não é isso?

P: Isso. Isso mesmo. Essa vermelha aqui, você tem cara de que conhece essa aqui.

J.E: Essa é a Pimenta, né?

P: Isso. E essa aqui de baixo?

J.E: Essa de baixo, eu não sei como é que ela chama, né? Mas é rã.

P: É a Rã-Manteiga. Isso, que ela escorrega, menino.

J.E: Você vai pegar ela na mão ela escorre.

P: Esse grandão, que você conhece?

J.E: O sapo, esse parece lá no terreiro de casa.

P: Esse é o sapo cururu. Esse que o pessoal fala que tem veneno.

J.E: Parece lá no terreiro de ponto, o grandão pulando lá no meio.

P: Isso.

J.E: Quando tem muito bisorro caindo, ele tá sempre lá.

P: Olha que beleza. Essa aqui você conhece?

J.E: Perereca, né?

P: Isso mesmo. E essa aqui de baixo?

J.E: Essa é uma rã também, né?

P: Perfeito. E esse último aqui?

J.E: Eu não sei como é que ela chama, já vi também, mas não sei como é que chama não.

P: Essa é uma pererêca de esmalte.

J.E: Ah, de esmalte.

P: Que parece esmalte que passa nessas coisas. Você acertou todos os bichinhos, tá? Parabéns, muito obrigada. Eu queria te agradecer por participar da minha pesquisa. E aí agora eu vou te dar o termo de compromisso.

ENTREVISTA 10

Paula: Vou começar nossa entrevista aqui. Qual que é o seu nome?

Michele: Michele

P: Michele de que?

M.M: Mendes Molinari

P: Uhum. Quantos anos você tem, Michele?

M.M: 22 anos

P: E qual que é o seu endereço lá na Zona Rural?

M.M: Zona Rural, Sítio Sesmaria

P: Mora lá no Sesmaria? Você é natural de lá também ou mudou pra lá?

M.M: Não, natural de lá.

P: Tem sapo rã e perereca lá onde você mora?

M.M: Bastante.

P: Qual foi a última vez que você viu um desses três?

M.M: Ah, uns três dias atrás.

P: E o que que você fez com ele?

M.M: Ah, eu deixo lá, não incomoda em nada.

P: Você já comeu carne de rã?

M.M: Já.

P: Gostou, não gostou?

M.M: Sim É bom, né?

P: Comería de novo?

M.M: Comería, sim.

P: Você sabe me falar onde que esses animais vivem?

M.M: Ah, no brejo né.

P: Uhum. Quais são as espécies que você mais vê na região ou você não sabe identificar a espécie?

M.M: Ah, não sei identificar.

P: Uhum. Qual é a época do ano que esses animais aparecem mais?

M.M: Ah, sei lá, se é época de chuva ou quando tá pra chover que eles ficam lá gritando.

P: Você sabe se eles trazem algum benefício?

M.M: Ah, sei não.

P: Joia. Você acha que eles aumentaram ou diminuiram ao longo dos anos?

M.M: Você vê mais, antigamente você via menos, escutava mais.

P: Uhum. Você costuma ver mais sapo rã ou perereca? Ou você não sabe diferenciar?

M.M: Sapo e rã. Perereca eu não, não sei.

P: Você já escutou alguma história sobre esses animais?

M.M: Que eu me lembre não.

P: Já encostou em algum deles?

M.M: Não.

P: Sabe se eles são perigosos?

M.M: Ah, eu sei que baba né, pra cachorro, igual assim um cachorro comer e baba, só isso.

P: Quando você vê algum deles, você deixa ele quieto, você espanta?

M.M: Deixa ele quieto.

P: Com quem você aprendeu sobre eles? Na escola?

M.M: Na escola

P: E lá na região de Santa Helena que você falou, não foi?

M.M: Sesmaria

P: Sesmaria.. Mudou alguma coisa na paisagem? Sumiu o lago, córrego, lagoa, teve queimada?

M.M: Teve bastante queimada.

P: Agora eu vou te mostrar umas fotos. Eu vou te perguntar se você reconhece esse animal aqui, se é um sapo, uma rã ou uma perereca?

M.M: São sapos, né?

P: Esse é uma rã touro. Esses dois aqui ó, primeiro de cima, o vermelho, sapo, rã ou perereca?

M.M: Acho que é rã.

P: E esse de baixo, grandão?

M.M: Perereca, deve ser.

P: Ó, essa aqui é uma rã, é uma pimenta. O debaixo, você reconhece?

M.M: Conheço não.

P: E essa aqui também é uma rã, a rã manteiga. Ó, essa aqui, esse de cima, grandão, sapo, rã ou perereca?

M.M: Sapo.

P: Isso mesmo Essa aqui?

M.M: Perereca.

P: Esse aqui de baixo, sapo, rã ou perereca?

M.M: Eu acho sapo, esse feiozinho.

P: E por último eu vou te perguntar sobre essa verdinha aqui ó, sapo, rã ou perereca?

M.M: É perereca.

P: Aqui, eu vou te agradecer por participar, viu? Muito obrigada, me ajudou muito!

ENTREVISTA 11

Paula: Vou começar a entrevista do senhor aqui então, viu? Qual que é o nome do senhor?

José: José Ronaldo Alves, apelidado por Zé Barta.

P: Zé Barta?

J.R: O apelido, todo mundo me conhece por Zé Barta.

P: Quantos anos que o senhor tem?

J.R: Tenho oitenta.

P: Oitenta anos? O senhor tá novo demais, não parece. Qual que é o endereço do senhor agora lá na roça.

J.R: O endereço lá é Sítio Barra do Itiru.

P: Fica pra onde? Pra que lado?

J.R: Fica na virada da santinha, naquele bar que tem ali, ao vira o morro.

P: Ah, tá saindo pra santinha?

J.R: É, tem duas estradas. Eu passo pelo Trevo, que é o lugar do posto, que eu moro na virada da grotá.

P: Ah, tá. Eu sei onde é que é. Tem sapo, rã e perereca lá na região que o senhor mora?

J.R: Ô minha filha, o sapo, tem. Sempre vai dentro de casa. Eu deixo, não chuto nem nada. Agora a rã tá sumida.

P: Não tem visto mais, não?

J.R: Não. A rã tá quase sumida.

P: Você tem uma média da última vez que você ouviu um sapo ou uma rã?

J.R: O sapo costuma vir dentro de casa “quais” diário. Todo dia ele tá dentro de casa comigo, que eu não mato, não deixo pra catar os insetos, entendeu?

P: Isso mesmo.

J.R: Não, eu não mato, não.

P: Aqui, o senhor já comeu carne de rã?

J.R: Nossa senhora, demais da conta.

P: É bom demais, né?

J.R: É bom demais.

P: O senhor me falou que tem no brejo as rãs, mas você sabe de algum outro lugar que elas podem viver?

J.R: Ah, não sei. Elas gosta de brejo, né? Sempre no brejo. Não tem muito que cobra come o cirrote, como a rã, né?

P: O senhor sabe identificar a espécie?

J.R: Ah, não sei não. Eu conheço só a rã-pimenta. A outra, não sei. A pimenta, você pega aqui e arde.

P: Queima a mão da gente.

J.R: Queima, arde, o cheiro.

P: Eu fui... A primeira vez que eu fui pegar uma dessa, meu professor falou pra mim amiga assim, passa a mão agora em cima dela. Depois eu passei no olho, sem querer.

J.R: Nossa, mas aí arde mesmo. Arde mesmo.

P: Qual época do ano o senhor acha que elas aparecem mais?

J.R: Minha filha, a época que elas aparecem mais é o tempo calor, né? O calor, porque frio, os insetos, tudo calmo.

P: Você acha que então são animais que trazem benefícios ou não?

J.R: Minha filha, eu acho que trazem, porque o sapo é um limpo de insetos, por exemplo, é uma barata, escorpião. Então, mosquitos. Então, eles vivem disso. Então, eles procuram lâmpada pra isso... Eles vão atrás de todas as luzes.

P: O senhor acha que elas diminuíram com o tempo?

J.R: Acho que elas diminuíram.

P: Aquela piadeira que o senhor escuta lá, aquela que faz assim, ó (assovio). Ou parou de ouvir ela também?

J.R: Pouco.

P: Que dó. Ela é bonitinha demais?

J.R: Pouco.

P: Tem alguma história que o senhor sabe sobre esses animais? Alguma história que o pessoal contava?

J.R: A história que eu sei é que eu já ouvi falar que cobra engole o sapo. É isso aí que eu sei. Que eu já vi, entendeu? A cobra para, e firma, e a rã vem e o sapo vem chorando, igual a criança. Até chegar, chora igual a criança. Vem chorando igual a criança.

P: Olha só. O senhor já encostou nela algum dia? Já pegou?

J.R: Demais.

P: E aí o senhor sentia alguma coisa?

J.R: Nada disso.

P: Nojo?

J.R: Não, não tem nojo desse tipo de bicho não.

P: Esse é um perigoso?

J.R: Nada.

P: Ou o senhor acha que não?

J.R: Não, o sapo não tem nada de perigoso. Tem uma cobra que eu quase que pego nela. É uma cobra sempre que fica no meio da verdura.

P: Ah, como é que ela chama gente? O pessoal chama de dormideira?

J.R: Pebra, dormideira, aquela. Eu não deixo matar na minha horta. Eu pego com a mão. Sempre eles falam assim, vem uma cobra na verdura. Cobra, jararaca, ninguém... A jararaca... A jararaca é boa, eu sou garganta, não precisa mexer com ela.

P: E a cascavel avisa?

J.R: A cascavel não é brava.

P: O senhor aprendeu com esses bichos já alguém? Alguém contou para o senhor quando o senhor era pequeno?

J.R: Não. Eu vivo na roça a vida inteira. Eu vim mexendo no meio de sapos, cobras, tudo lá.

P: E lá perto da roça do senhor sumiu o rio, teve queimada?

J.R: Não, queimada deu. Queimada... Queimada teve lá. Pegou o cabo do tal de Amora e foi lá para a floresta.

P: Nossa Deus!

J.R: Esse ano queimou e foi muito troço mesmo.

P: E rio lá?

J.R: Não, lá não tem não.

P: Aqui, agora eu vou te mostrar umas fotos e o senhor vai me falar. O senhor conhece. Essa veradona aqui, o que o senhor acha que é?

J.R: Assim eu não sei não. É um sapo.

P: Vou te mostrar uma outra vermelha que eu quero ver se o senhor conhece. Essa aqui de cima.

J.R: Esse é um macho da pimenta.

P: E essa aqui debaixo?

J.R: Que tem a... Tem a... Por exemplo, a rã boi que se fala, né?

P: Essa aqui chama rã manteiga. Esse aqui o senhor conhece, ó.

J.R: Esse é o sapo.

P: E essa aqui?

J.R: Isso aí é perereca.

P: Isso mesmo. Esse aqui?

J.R: Não. Esse conheço não.

P: E essa outra aqui, ó.

J.R: Isso daí eu bem conheço. Que ela é dessa cor aqui assim que tá pintada.

P: Aqui, eu vou agradecer ao senhor por participar da minha pesquisa, viu?

J.R: E agora tem coisas que eu sei contar e ninguém acredita. O gafanhoto de pau e café. Nem ninguém acredita.

P: Gafanhoto de quê?

J.R: De pau de café. Você sabe que eu pego. Eu pego no cobra, eu pego no sapo.. O gafanhoto você nem nunca viu. Exagerado de pau e de café. O gafanhoto pau de café. Conta aí pros outros. Ninguém acredita, né? Ninguém acredita. Às vezes você tá

estudando seu negócio e nunca viu. Mas como eu já vivo no campo, tem muita história. Deste tamanho. Mas fico feliz dos jovem tá estudando.

P: Eu que agradeço, um abraço para o senhor.

ENTREVISTA 12

Paula: Vou começar a entrevista. Qual que é o seu nome?

Luana: Luana Auxiliadora Cristina.

P: Quantos anos você tem?

L.A: Tenho 30.

P: Menina, você tá nova demais.

L.A: Tenho 30. Tenho 4 menino.

P: Qual que é o seu endereço atual na zona rural?

L.A: Usina Santa Helena.

P: Santa Helena...

L.A: Indo sentido Viçosa, lembra?

P: Ah, tá. Eu sei onde é que é. Tem sapo, rã, perereca lá na região que você mora.

L.A: Sim, tem.

P: Qual foi a última vez que você viu um desses animais?

L.A: Na mão do meu menino. Falou que era o bichinho de estimação dele. Meu Deus, ele pega tudo.

P: Que bonitinho.

L.A: Ele pega tudo.

P: E o que é que ele fez com esse bichinho, no caso?

L.A: Ele falou que é o bichinho de estimação. Falei, devolve onde que você pegou. E colocou lá no mato de volta.

P: Vocês lá na Santa Helena já comeram carne de rã?

L.A: Não. Eu não. Meus parentes, alguns lá, falam que já contou que já comeu. Mas eu, particularmente, nunca.

P: Não tem vontade também, não?

L.A: Não.

P: Você sabe me falar onde que esses bichos vivem?

L.A: É porque lá tem o poço, né?

P: Ai, lá fica pertinho do cê. Você sabe identificar espécie?

L.A: Não.

P: Se eu te falasse, “ah, essa espécie aqui”...

L.A: Não sei.

P: Qual época do ano que eles aparecem mais lá?

L.A: Eu não sei diferenciar. Porque sempre tem.

P: a água sua então tá muito boa, viu? Sempre tem. Como eles são muito suscetíveis à poluição.

L.A: Porque é úmido também, né?

P: Onde tem sapo, você pode ter certeza que a água tá boa.

L.A: Porque é muito úmido, né? Lá perto de casa.

P: Ah, é verdade. Você sabe se esses animais trazem benefícios?

L.A: Não sei. Então, tem gente que fala que nem é bom, né?

P: É verdade. Ao longo dos anos, diminuiu, aumentou? Como é que foi?

L.A: Até que diminuiu.

P: Diminuiu bastante ou assim?

L.A: É, bastante, um pouco. Diminuiu bem.

P: Você costuma ver mais sapo, rã ou perereca?

L.A: Perereca, menina. Pula na gente. E rã. Lá em casa parece demais. Agora se fala sério. Demais.

P: E eles estão aparecendo muito?

L.A: E aquelas transparentes ainda, sabe?

P: Ah, é tão bonito. A chama perereca de vidro.

L.A: É mesmo?

P: Uhum. O nome que a gente deu pra ela, né? Vamos lá. Alguma história? Você já ouviu alguma história sobre esses animais?

L.A: Xixi de sapo cega, alguma dessas?

P: Isso sim.

L.A: De sapo, xixi. Perereca também. Sabe que não pode mijar na gente. Cobreiro. Meu menino já pegou.

P: Ele pegou cobreira?

L.A: Meu menino já pegou. Ele pega ne tudo. Aquele alí tem medo não.

P: E você? Você já encostou?

L.A: Não, já não. Eu não.

P: E você tem medo, nojo?

L.A: Você tá doido. Demais. Demais.

P: Você acha que eles são perigosos?

L.A: Eu creio que não.

P: Uhum. E se você ver algum deles, o que você faz?

L.A: Menino do céu. Eu chamo meu menino pra tirar. Eu tenho coragem não.

P: Alguém já te contou sobre esses bichos? Você viu na escola?

L.A: Só na escola mesmo.

P: Uhum. E lá na Santa Helena teve alguma seca, queimada, destruição, desmatamento?

L.A: Lá não. Lá, graças a Deus, não.

P: Olha que bom, olha. Agora eu vou te mostrar umas fotinhas, e você vai me falar se você já viu, se conhece, sabe o que é...Ó, esse aqui, o que você acha que é? Sapo rã ou perereca.

L.A: Eu acho que é. Não, é uma rã.

P: Esse era uma rã. Essa se chama de rã-touro. Porque ela fica grandona assim. Ela come até passarinho. Essa aqui de cima, ó. Você já viu?

L.A: Não.

P: Você acha que é sapo rã ou perereca?

L.A: Parece que é sapo, né? Isso aqui parece que é sapo.

P: Essa é a rã pimenta. E essa outra aqui?

L.A: Não sei.

P: Essa aqui é uma rã, só que ela se chama rã-manteiga.

L.A: Tudo é rã. Mas agora... Pra mim tudo é sapo.

P: Eu vou te mostrar a foto de um outro aqui, e você vai me falar o que que é, ó.

L.A: Ah, esse aí parece que é sapo.

P: Esse é um sapo. Sapo cururu. E esse danado aqui debaixo?

L.A: Esse é perereca, né?

P: Isso mesmo. Esse último...

L.A: Sapo também, não é?

P: Esse chama sapo-bode. Ele faz o barulhinho de... Como se fosse um bode fazendo barulho, sabe? Mas ele na verdade é uma rã. E por fim a gente tem essa última bonita aqui, ó.

L.A: Que é a perereca, né? Essa é a perereca também.

P: Essa é a perereca também. Essa é a perereca de esmalte.

L.A: De esmalte?

P: Isso. Muito obrigada. Queria te agradecer pela sua participação, viu?

L.A: Não, que isso.

P: Obrigada.

ENTREVISTA 13

Paula: Bom, eu tô aqui com o senhor...

Augustinho: Augustinho.

P: Augustinho de quê, Augustinho?

A.D: Domingo do Santos.

P: E qual que é a fazenda, a zona rural que o senhor mora, o nome lá?

A.D: É Sítio da Fartura.

P: Sítio da Fartura. Me conta aqui, quantos anos que o senhor tem?

A.D: Eu tenho 78.

P: Nossa Deus, o senhor tá novo demais? É, tá. Tem sapo, rã e perereca lá na região que o senhor mora?

A.D: Encontro.

P: Muito?

A.D: Muito.

P: Qual foi a última vez que o senhor viu um desses bichos?

A.D: Hã?

P: Tem muito tempo que o senhor viu um deles?

A.D: É, ocê mexendo na horta, sempre você vê cara. Toda semana você vê. É só tá mexendo na horta todo dia.

P: E o senhor fez alguma coisa? O senhor tocou, deixou ele lá?

A.D: É, vou larga ele lá e vai embora.

P: O senhor já comeu carne de rã?

A.D: Ah, comi, mas muitos anos. Hoje eu não mexo na rã. Ah. Quando eu tava menos de 10 anos por aí, talvez eu comi, mas não comi. Depois mais velho não. Não comi mais não.

P: Mas hoje em dia já vende também, viu?

A.D: O pessoal tá vendendo de criador. Você não acha mais não, né?

P: Você não tá achando?

A.D: Não, eu não acho. Já tem muita seca.

P: O senhor sabe me falar onde que esses animais vivem?

A.D: Ora, logicamente em Brejo, né?

P: Aham, isso mesmo. E o senhor sabe me falar se tem alguma espécie que o senhor vê mais lá na região? Espécie, eu falo se é uma rã manteiga, se é uma rã pimenta.

A.D: Não, a rã pimenta às vezes a gente dá a ver. A rã pimenta, os outros nem vê mais não.

P: Aham. Qual época do ano que o senhor acha que esses bichos aparecem mais?

A.D: Quando chove. Aham. Quando a chuva.

P: E eles trazem benefícios pra gente?

A.D: Tem benefício em si não.

P: Aham. Você acha que ao longo dos anos os animais aumentaram ou diminuíram?

A.D: Não, diminuíram bastante.

P: Aham.

A.D: Diminuíram muito.

P: E o senhor acredita que tem um motivo pra isso?

A.D: Pra falar a verdade, o que aparece bastante agora é cobra. A cobra que aparece mais agora.

P: O senhor vê mais sapo, rã ou perereca lá na plantação?

A.D: Perereca.

P: Aham. Tem alguma história que o senhor já escutou sobre esses animais?

A.D: Não.

P: Se dá cobreiro, se não dá.

A.D: Ah, parece que vem o sapo e dá cobreiro. Perereca também deve dar.

P: O senhor já encostou em algum desses animais?

A.D: Não.

P: Nunca pegou não?

A.D: Nunca peguei não.

P: Aham. O senhor não acha que eles são perigosos?

A.D: Não. O mais perigoso desse bicho é cobra. Sapo, perereca não. Às vezes assusta a gente, né?

P: Quem que contou desses animais para o senhor? O senhor aprendeu na escola? Foi lá na zona rural mesmo?

A.D: Foi lá na rural mesmo. Aprendi com meu pai, né?

P: E aí lá na roça do senhor, nos últimos anos, teve muita queimada? Sumiu o lago ou não?

A.D: Não, na minha região teve muita não. Teve mais umas capoeira também.

P: Agora eu vou mostrar umas fotos para o senhor. E o senhor me fala se o senhor conhece esse bicho aqui, ó. É um sapo, uma rã ou perereca. Essa primeira aqui, é um sapo, uma rã ou uma perereca.

A.D: Esse aí é um rã touro?

P: Aham.

A.D: Essa rã tourao aqui é a que o pessoal está fazendo para comer agora.

P: Deixa eu virar a folha que tem mais fotinha aqui para o senhor ver, ó. Essa vermelha aqui, qual que o senhor acha que é?

A.D: Isso é sapo?

P: Essa é a rã pimenta.

A.D: Qual que é? Vermelha?

P: Isso mesmo. E essa aqui de baixo?

A.D: Rã Touro denovo?

P: Essa aí o pessoal costuma chamar de rã-manteiga.

A.D: Rã-manteiga?

P: Isso. Ah, agora tem mais, ó. Esse grandão aqui de cima, é sapo, rã ou perereca?

A.D: Esse é sapo.

P: Isso mesmo. E esse aqui?

A.D: Perereca.

P: Perereca, isso mesmo. Esse?

A.D: Não sei não.

P: E essa última aqui é o quê? Sapo, uma rã ou perereca?

A.D: Esse é perereca. Costuma colar até nas costas. Cola mesmo. Já pula. Agora a gente que é do campo vê os bichos, né? Pula, gruda no nosso braço.

P: Aqui, eu queria muito agradecer ao senhor por participar, tá? Forte abraço.

ENTREVISTA 14 E 15

Paula: Ó, eu tô aqui na feira e eu vou entrevistar primeiro a...

Luara: Luara.

P: Luara de que?

L.A: Alexandre.

P: E você?

Alice: Alice.

P: De que?

A.A: Alexandre.

P: Qual que é a sua idade, Luara?

L.A: Eu tenho 12.

P: E você?

A.A: 10.

P: 10 anos? Vocês moram aonde lá na zona rural? Qual que é o sítio?

L.A: Sítio Amora. Zona rural de Ponte Nova.

P: E tem muita amora lá? Ó, vocês sabem o que que são anfíbios? Já viram na escola ou ainda não?

A.A: Eu não.

P: Anfíbio é o nome que a gente dá pro grupo onde estão o sapo, rã e perereca.

E aí, eu vou perguntar pra vocês. Tem sapo, rã e perereca lá na região que vocês moram?

L.A: Tem.

A.A: Em algumas casas tem.

P: Tem? E qual foi a última vez que vocês viram? Você primeiro, Luara.

L.A: Duas semanas passadas.

P: E você viu o que? Sapo, rã ou perereca?

L.A: Sapo.

P: E você?

A.A: Ontem. Um sapo também.

P: Um sapo também? Pequeno ou grande?

A.A: Pequeno.

P: E aquele grandão? Não aparece lá não?

A.A: Não aparece.

P: Já viu?

L.A: Já.

P: O que que vocês fizeram com esse bicho, hein?

L.A: Eu deixei ele.

P: Você tocou, você correu?

L.A: Eu deixei ele ficar lá.

P: E você?

A.A: Corri.

P: Você correu do sapo? Hum. Ah ele é tão legal. Você nunca quis pegar, não?

L.A: Não.

P: Não? Vocês já comeram carne de rã?

L.A E A.A: Não.

P: Nunca comeram? Tem vontade, não?

L.A E A.A: Não.

P: Certo, olha, onde que esses animais vivem?

A.A: Na floresta.

P: Na floresta? Não tem certo ou errado não. Pode responder o que você achar certo, depois eu explico para vocês.

L.A: Na floresta.

P: Ah, então tá bom. Vocês sabem identificar quando é um sapo, quando é uma rã, quando é uma perereca ou não sabem?

A.A: Eu corro deles.

L.A: Eu não sei não.

P: Vocês sabem onde esses animais vivem?

L.A: Na terra.

A.A: Na terra também.

P: Você acha que esses animais trazem benefício, coisa boa?

L.A Não.

P: Não? E você?

A.A: Algumas vezes.

P: Se algumas vezes eles trazem, quais você acha que são? O que ele pode fazer para ajudar a gente?

A.A: Comer bicho.

P: Comer bicho, isso mesmo. Também que come escorpião, sabia? Vamos lá. Você acha que na sua idade, que você tem de vida, esses animais diminuíram ou aumentaram? Ou está igual para vocês?

L.A: Aumentou.

P: Aumentou? E você?

A.A: Aumentou também.

P: Já que vocês falaram que vocês não sabem identificar, se aparecer mais sapo, rã, perereca, quem vocês chamam para ajudar, para tirar de casa?

A.A: Mamãe.

L.A: Mamãe que tira.

P: Tem alguma história que já te contaram sobre eles?

L.A: Que se pegar, dá cobreiro.

P: Isso sim. Mais alguma desse tipo? Que faz mal, que faz bem, que não pode pegar, que pode pegar.

A.A: Que faz mal.

P: E você?

L.A: Faz mal também.

P: Você já encostou em algum deles?

L.A: Já.

P: E você?

A.A: Já.

P: E aí? Aconteceu alguma coisa? O que você sentiu?

A.A: E é frio, é gelado.

P: Ó, vamos lá. A segunda folha aqui que é rapidinho, hein? Aqui, essa aqui é interessante. Você acha que eles são perigosos?

L.A: Não.

P: Com quem você aprendeu sobre esses bichos? Na escola? Mamãe contou?

L.A: Na escola.

P: E você?

A.A: Mamãe.

P: Agora vamos lá. Lá na roça que vocês vivem, lá no sítio. Sumiu algum lago, lagoa, teve queimada?

L.A: Não.

A.A: Não.

P: Não? Agora a gente vai pra parte legal. Não pode colar, tá? Eu vou mostrar pra vocês a foto. Vocês têm que me falar se vocês conhecem e sabem quais são esses bichos aqui. Esse aqui é um sapo, uma rã, uma perereca.

L.A: Eu acho que é sapo.

A.A: É rã.

P: E quem acertou foi você. Essa aqui é uma rã-touro, ó. Essa aqui o pessoal cria ela pra comer. Igual cria boi, galinha, o pessoal agora tá criando rã pra comer. Você acredita nisso? Ó, agora essas duas aqui, ó. Essa de cima. É um sapo, uma rã, uma perereca.

L.A: Sapo.

P: E você?

A.A: Também acho que é sapo.

P: E a de baixo?

A.A: Perereca

L.A: Perereca.

P: Ah, essa aqui é uma rã, chamada rã-pimenta. Ela é do tamanho igual um sapo, mas ela é vermelha assim e tem o cheiro igual de pimenta. E a de baixo chama rã-manteiga, porque ela escorrega assim. Quando você pega assim, você não consegue nem segurar direito na mão. Ah, agora tem mais. Já tá acabando, hein, meninas. Esse aqui, ó, de cima, você acha que é o quê?

L.A: Sapo.

A.A: Sapo.

P: Ó, rápidas. Esse é o sapo cururu. E essa bonita aqui? Sapo, rã ou perereca?

L.A: Perereca.

A.A: Perereca.

P: Essa é a perereca, que ela é a Gisele Bündchen. Ela tem as pernas fininhas assim e pula lá longe. E esse aqui de baixo? Sapo, rã ou perereca?

L.A: Rã.

A.A: Rã.

P: Ela acertou. Você tá muito boa, gente. Aqui o pessoal chama de rã-bode. E agora a última aqui, ó, a última foto. Sapo, rã ou perereca?

L.A: Perereca.

A.A: Perereca.

P: Então essa aqui é a perereca verde que a gente chama. Ó, meninas, eu vou agradecer muito por vocês terem participado, tá? Vou colocar vocês lá na minha pesquisa. Vocês mandaram muito bem, tá? E aí eu vou contar pra vocês uma curiosidade que o pessoal fala muito também. O sapo, pra vocês aprenderem agora a identificar, o sapo ele tem a pele bem grossa, assim, que você olha, assim, parece uma pedra por cima, esse é sapo. A rã, você vai olhar a pele dela, vai até brilhar,

assim, quando estiver de noite, porque a pele dela é muito fininha. E a perereca é a que pula mais longe, se você olhar a as pererona grande assim, você pode saber que é perereca, elas pulam longe. Vocês gostaram de participar? Eu agradeço muito vocês dois por terem participado, viu?

ENTREVISTA 16 E 17

Paula: Bom dia, eu estou fazendo a entrevista para o meu TCC. E agora eu vou começar entrevistando mais duas pessoas. Qual que é o seu nome?

Sebastião: Sebastião.

P: Sebastião de que?

S.P: Paula Souza.

P: Quantos anos você tem, Sr. Sebastião?

S.P: Sessenta e três.

P: Qual que é o endereço na zona rural que o senhor frequenta?

S.P: Sesmaria.

P: Perfeito. O senhor é natural de lá, veio pra cá quando era pequeno?

S.P: Eu era de Teixeira. E vim pra cá.

P: E o senhor, qual que é o seu nome completo?

N.S: Norival dos Santos Quirino.

P: Quantos anos o senhor tem?

N.S: Sessenta e três.

P: Sessenta e três também?

N.S: Uhum.

P: E o senhor é da Sesmaria?

N.S: Não, eu sou da Maçangana.

P: Vou perguntar pra vocês dois ao mesmo tempo aqui e vocês me respondem, viu? Tem sapo, rã e perereca na região que vocês moram?

S.P: Tem.

N.S: Tem.

P: E qual foi a última vez que vocês viram um deles?

S.P: Todo dia, né?

N.S: Todo dia eu vejo ele.

P: Vocês fazem alguma coisa com esse animal? Toca, espanta, deixa onde é que fica?

S.P: Não, deixa embora.

N.S: Deixa embora, num pode matar. É, deixa embora pra lá.

P: Vocês já comeram carne de rã?

S.P: Já comi.

N.S: Já comi já.

P: Onde esses animais vivem, vocês sabem me falar?

N.S: Ah, no brejo né.

S.P: No brejo mesmo.

P: Vocês sabem identificar a espécie? A espécie? Por exemplo, se é uma rã pimenta, se é uma rã-manteiga.

N.S: Não, dá a diferença. Eu não sabia qual que era a rã pimenta e eu tenho que pegar e matar. Ai ela vai arder minhha mão.

S.P: É verdade que queima.

P: Você sabe em qual época do ano que eles aparecem mais?

N.S: Nas águas, né?

S.P: Tempo da chuva, né? Tempo da chuva.

P: Perfeito. Sabem se esses animais trazem benefícios para a gente?

N.S: A deve que traz, sim, né?

S.P: A rã traz, o sapo não.

P: Vocês acham que eles diminuíram ou aumentaram ao longo dos anos?

N.S: Ah, vai aumentando. Agora aumenta mesmo.

S.P: Aumentou, né?

P: Vocês veem mais sapo, rã ou perereca lá onde vocês moram?

S.P: A gente vê tudo direto.

P: Tem muito bicho lá mesmo?

N.S: Tem, tem.

P: Gente, que bom. Legal. Vamos lá. Tem algum dos animais que você não vê de jeito nenhum? Que sumiu, assim?

N.S: Sumiu, sim.

S.P: Sumiu mesmo foi umas rã.

P: Tem alguma história que vocês já escutaram sobre esses animais?

S.P: Não. Ainda não.

P: Não? Perfeito. Você já encostou em algum deles? Vocês falaram que já pegou.

N.S: Ah, já pulou ne mim já.

S.P: Já peguei pra comer, sabe? Pegava memo.

P: Sabem se esses animais são perigosos?

N.S: Ah, diz que um é perigoso.

S.P: O sapo deve de ser né? O leite que ele joga, né? É. A perereca não me engana. Ela que dá o cobreiro.

P: Dá cobreiro?

S.P: A perereca dá. Mas aí é só se pegar.

P: Se pegar, né? Esses bichos, vocês aprenderam sobre eles com alguém na escola ou no convívio da zona rural mesmo?

N.S: Na zona rural, né? Com a gente.

P: E lá na região que vocês moram, né? Tanto lá no Sesmaria quanto no Massangano. Teve diminuição de mata? Teve queimada ultimamente?

N.S: No Massangano não teve nada.

P: Agora eu vou mostrar pra vocês dois uma foto. E eu vou perguntar se vocês conhecem esse bicho aqui, ó.

S.P: Daí é sapo.

N.S: É sapo.

P: Vou mostrar mais fotos pra vocês, hein?

S.P: Esse aqui é rã.

N.S: Esse aqui, qual rã que é?

S.P: É rã-pimenta. Daí é pimenta.

P: Vocês conhecem ela?

S.P: A carne dela é boa também, viu?

N.S: A pimenta eu nunca comi dela não.

P: Esse aqui é o quê? Sapo, rã ou perereca?

N.S: É sapo.

S.P: Aí é rã.

P: Essa ai é a rã manteiga. Agora a próxima foto.

N.S: Esse é o sapo.

S.P: Sapo mermo.

P: A próxima foto.

S.P: Perereca é essa aqui. O de cima é um sapo.

P: Aquele sapo cururu, ó. Tá vendo aquela parte grande, grossa aqui?

N.S: Ah, sim.

P: E esse aqui de baixo? Rã, sapo ou perereca?

N.S: Rã.

S.P: Esse aqui? É a rã.

P: Olha só, vocês tão bom no negócio mesmo. E agora a última aqui, ó.

N.S: Ai, ai, ai. A pior coisa. Esse aqui é igual. A perereca é a pior coisa.

S.P: Ela tem ali na folha de café.

P: Na folha de café que ela aparece?

S.P: Se olhar assim de longe, você nem vê ela. Não vê, não. Ela fica muito na folha de café.

P: Eu queria agradecer vocês dois por participarem, viu? Estão ajudando muito na minha pesquisa. Eu espero que vocês tenham tido um bom dia, viu? Obrigado, amiga.

ENTREVISTA 18

Wanderli: Eu não tenho paciência para ficar de zóio no caderno e no livro não..

P: Aqui, vou perguntar para o senhor então, qual que é o seu nome completo?

W.B: Wanderli Barbosa.

P: Wanderli, quantos anos você tem?

W.B: Eu tenho 47 anos.

P: Qual que é o endereço do senhor que você tem contato na zona rural?

W.B: Eu Sítio Califórnia, zona rural ali entre Ponte Nova e Acaiaca.

P: Perfeito. Deixa eu te fazer algumas perguntas então. Tem sapo, rã e perereca, na região que o senhor mora?

W.B: Bastante.

P: Qual foi a última vez que você viu um desses animais por aí?

W.B: Todo dia.

P: Mas, gente, tá todo mundo me respondendo isso. Eu tô procurando, os bichos estão correndo da gente.

W.B: Tempo de chuva, esses animais, parece que eles reproduzem mais. E eles precisam de umidade, né? E todo lugar que ela tá, tem ela.

P: E esse ano tá chovendo bastante, né?

W.B: Direto. E essa época é a época deles, o calor e a chuva. E tem o que eles querem, umidade e calor.

P: E comida, tem uns mosquitinhos lá, ó.

W.B: Mosquitinho também tem demais. Nossa senhora, porque tem que criar mais mosquitinho. Então, o predador, depois de seis horas...

P: Você faz alguma coisa quando você vê esse animal? Você toca, você deixa ele lá?

W.B: Não. Eu não sou predador de animais, não judio. Onde que ele tá, eu acho que a território dele deve ficar.

P: O senhor já comeu carne de rã?

W.B: Já.

P: Bom demais?

W.B: Excelente. Eu não tenho tempo de estar mexendo com isso. Eu não mexo com isso mais não. Mas eu... Antes... é mesma coisa de um frango. É gostoso demais.

P: O senhor sabe identificar espécie? Por exemplo, se é uma manteiga, se é uma pimenta...

W.B: Sei, a pimenta vermelha é a manteiga mais amarelada.

P: A época do ano o senhor já me respondeu que eles costumam aparecer, né? Que é tempo de chuva.

W.B: Verdade.

P: O senhor sabe me falar se esses animais têm algum benefício pra gente?

W.B: Se eles têm benefício? Isso. Não, não sei te informar não. Mas você sabe?

P: Eu sei.

W.B: Quais são os benefícios desses animais?

P: Eles são bio indicadores.

W.B: Indicadores? Como assim?

P: Porque a pele dele é fininha, não é? Então ele precisa de água boa. Esse bicho não aparece onde a água estiver ruim. Se estiver poluída, estiver contaminada, a gente não acha sapo, nem rã, nem perereca. E aí eles indicam pra gente a qualidade da água. E eles também pegam escorpião, pegam inseto... Então eles controlam as pragas.

W.B: Concordo com você.

P: Ao longo dos anos, o senhor acha que esses bichos diminuíram ou aumentaram?

W.B: Menina, a coisa da natureza, eles ficam brigando pela natureza. A natureza sempre é essa aí que a gente tá vendo. Eles falam que antigamente, antes era tudo

diferente. Não, era isso aqui mesmo. Só aumentou mais casa que o povo ficou preguiçoso, foram tudo pra cidade. Ninguém quer ser um produtor rural, como eu. Eu crio boi, crio vaca, crio animais. Ninguém queria ser, todo mundo queria ser doutor. Aí a zona rural ficou lá, né? Aí eu fico comendo pedra aí, chorando que o preço tá caro.

P: Ah não, mas olha só, vocês na zona rural são a base do conhecimento científico.

W.B: O povo deveria estender a mão mais um pouquinho pra nós. Eu fico olhando. Meus meninos, por exemplo, eu tenho quatro filhos. Só esse mais velho que saiu e quer arrastar os outros na mácula. Tenta levar, se for beleza, só que ninguém foi.

P: Essa minha pesquisa é pra valorizar o conhecimento da zona rural. Eu tô fazendo tudo baseado no conhecimento das pessoas da zona rural, porque foram vocês que aprenderam primeiro que a gente.

W.B: Com certeza, tudo tá lá, a vida tá lá. A vida tá lá na zona rural, você produz o queijo, o feijão, o arroz, o milho, a carne. O povo da cidade tem que estender muito a mão do produtor.

P: Pois é. Existe alguma história que você já ouviu sobre esses animais?

W.B: Já. Fala que a perereca mijava nos olhos do cara e ficava cego. Você já viu isso? Cobreiro eu já vi falado, sim, é de aquela lagartixa, né? Eu acho que não.

P: Bom, vamos lá. Você já encostou nesses animais? Você já falou que já comeu carne de rã?

W.B: De rã sim, mas esses outros bichinhos não.

P: Sabe se eles são perigosos pra gente?

W.B: Eu creio que não, né? Nenhum ser vivo é perigoso. A gente só passa a ser perigoso após a hora que você pega a provocar.

P: É verdade.

W.B: Eles falam que a cobra é perigosa, você pode trabalhar com ela o dia inteiro, ela não vai te atacar. Agora, se você pisou nela, chutou ela, irritou ela, é a mesma coisa de mim. Eu sou mais assim, empurra eu, me xinga, me toca, me dá um tapa na cara, me chama de feio. E o bicho é desse jeito mesmo. Aí eu vou ter que dar umas braçadas, né? Tem que ser enxernado pra correr.

P: Você aprendeu sobre esses bichos com alguém? Pai, mãe, na escola?

W.B: Isso vem de longe, né? O meu netinho ontem, né? Você está com tempo, vamos contar caso também. Meu netinho sentou comigo no colo ontem, falou comigo. Vovô, pensando numa coisa. Aí tá dando aquele trovão. Que isso, vovô? Aí eu falei pra ele. Aí seus móveis de São Pedro, descontrolou e caiu no chão. Daí a pouco, o outro mais

pequeninho, tem 3 anos, falou comigo. Ah, vovô, bem feita, não é? O móvel dele caiu e quebrou. Como é que ele tá montado de... Como é que ele falou? Máquina de sorda, tá sordando. Ele tá dando relâmpago, né?

Ele tá sordando, olha como ele tá.

P: Que bonitinho. Oh, meu Deus do céu.

W.B: Aí eu ajudo ele, pra zoar com ele. Daí vem aquele bichinho que fica piscando de noite.

P: Vagalume.

W.B: Por que que ele tá piscando tanto assim? Ele tá dando seta pra onde quer que vai. Aí eu falo, olha lá, vovô, não vai pra esquerda, não é? Vai mesmo pra direita, olha lá.

P: Oh, meu Deus do céu.

W.B: Mas é bom, menino, tudo você tem que responder. É verdade. Porque não pode, né? Aí eu dei banho, fiquei na banheira, ontem de noite, fiquei calorão, tô lá. Aí o pai dele chegou, rapaz. Você tá muito forçado, não tem que dar atençãozinha pros meninos.

P: É verdade. E tem que aproveitar, viu?

W.B: Na maioria dos adultos, só grita em casa com as crianças. Fica quieto, menino, para aí, que você tá mexendo, senta aí. Não dá sossego, então aí eu corro com ele, brinco com ele.

P: Isso mesmo. E lá na região que o senhor mora, sumiu algum rio, lago, lagoa, teve queimado ou continua igual?

W.B: Ah, mas é a história da natureza. Você fica aí brigando com a natureza, é tempo perdido. Tudo acontece no momento certo e na hora certa. Você vê, quando vem uma seca, doida, a água encoi, diminói. Vem a chuva, devolve toda. A terra não é como segurar a água a vida inteira, nunca teve. Agora a questão de mata, eles ficam brigando, acabou, desmatou. Não existe esse negócio de desmatou, aumentou. Fazendeiro, acabou, rapaz, veio todo mundo pra cidade. Aquelas fazendas lá que eram pasto, virou tudo capoeira. Então, pra que ficar preocupado com isso?

P: Agora eu vou te mostrar uns bichinhos aqui, e eu vou ver se o senhor conhece eles. O senhor já viu esse bicho aqui?

W.B: É sapo, né? Será que é?

P: Essa aqui é uma rã-touro. É a rã que o pessoal tá produzindo pra comer agora.

W.B: Não conheço, não.

P: E essa aqui, você conhece?

W.B: Essa é a pimenta. Vermelhinha, que a gente, a vida inteira, é.

P: Pimenta mesmo. E essa aqui de baixo, você conhece?

W.B: Não.

P: Essa aqui é o que o pessoal chama de rã-manteiga. Que ela escorrega igual que água.

W.B: Talvez até tenha ela na região, mas ninguém conhece. Não sabe identificar ela, né? Não é. E antes a gente catava, era só essa.

P: E esse aqui, conhece?

W.B: Esse é o sapo.

P: Isso mesmo, aqui embaixo.

W.B: Também, perereca. Ah, bichinha.

P: E essa última aqui?

W.B: Também é a rã, né?

P: Isso mesmo, o senhor tá bom demais, vai.

W.B: Olha eu do mato, menina.

P: E esse último aqui?

W.B: Esse é perereca também.

P: É isso mesmo, o senhor foi muito bem nessa entrevista. Muito obrigada viu?

ENTREVISTA 19.

Paula: Bom, qual que é o nome da senhora?

Elena: Elena com E.

P: Elena de que?

E.A: Amário Elídio e Lourença.

P: Perfeito. A senhora tem quantos anos?

E.A: 70.

P: 70?

E.A: Graças a Deus.

P: Amém. E qual o endereço que a senhora mora lá na zona rural?

E.A: Serra dos Pinheiros.

P: Serra dos Pinheiros?

E.A: É.

P: Eu nunca fui, gente. Diz que lá é muito bonito. Tem uma aluna que, meu namorado da aula, que é lá da Serra dos Pinheiros também. Deixa eu perguntar para a senhora. Tem sapo, rã e perereca lá na região que a senhora mora?

E.A: Sapo e rã eu vejo. Perereca não. E perereca é aquele cara que fica pulando a banana.

P: Qual foi a última vez que a senhora viu um sapo?

E.A: Deve ter uns 15 dias, desde a horta.

P: O que a senhora fez com esse bicho? A senhora deixou ele lá? Ficou quieto?

E.A: Ele foi embora.

P: Vocês já comeram carne de rã, gente?

E.A: Eu não.

P: E a senhora sabe onde que esses animais vivem?

E.A: A rã realmente é igual o que você está falando. É dentro da horta. Porque tem muitos de banana. Nesse ponto ela está úmida, né? Está mais fresca, parte fresca.

P: A senhora sabe identificar um sapo, um rã, uma perereca?

E.A: Não, eu separo só pelos modos desse chamar. O sapo fica groo.. Mais fraquinho. Aí é conhecido. O barulho inteiro. Que é assim, o macho sempre fica na casa moita, mais fechada. Aí as fêmea sempre ficam nos canteiros, no esterco.

Aí as lá que chamar de leve, eles ficam no grossão lá.

P: A senhora sabe me falar qual é a época do ano que eles aparecem mais?

E.A: Começa em setembro. Começou assim, igual o tempo muda. O resto começa a chuva, setembro, tudo. Você vai até preparar um canteiro, preparar uma área para plantar milho, é a hora que a gente vê eles.

P: A senhora acha que eles têm benefício? Que eles são bons para a gente ou não?

E.A: Eu acho assim, as rãs, as pererecas, eu agradeço a Deus por elas, porque as vezes você está campinando em um canteiro, como sempre eu estou, na hora. Você começa a passar uma, e dá um gritinho leve, depois você vê, você pode olhar por ali, tem uma cobra atrás dela. Cobras perseguem elas muito. Aí, cobras perseguem elas muito, então você vê, você pode saber que por ali tem cobra. Aí eu fico de olho, porque já vi. E os machos, quando a cobra está atrás deles, eles dão um grito muito forte, direto, ele sai pulando. Não comparando mal, parece que uma pessoa está avisando a gente. Às vezes eu estou lá e um sapo pula, eu falo, a gente sai fora, tem cobra por aí. Ele vai gritando, pulando, pulando, até pular na boca da cobra. Ela trai eles. Aí no atrai, eles vai.

P: E a senhora acha que eles diminuíram ou aumentaram nos últimos anos?

E.A: Ah, não acho que diminuiu, não.

P: A senhora... Tem algum desses bichos que a senhora nunca mais viu?

E.A: A rã pimenta vem direto. Ela é bem pintadinha como onça.

P: Entendi. Ah, eu sei qual que é a pintinha que a senhora está falando. E aí se você passa, assim a mão, um cheirão forte, que ela fica na mão da gente, a senhora já pegou?

E.A: Ah, eu não ponho a mão, não.

P: Você não pega, não?

E.A: Não, tem pavor.

P: E a senhora já ouviu alguma história sobre esses animais? Os antigos contavam alguma história sobre eles?

E.A: Eu já ouvi uma história. Foi o do sapo. A minha tia, os colegas dela, apanhavam café. Então, uma delas foi apanhar café e levou duas crianças. Um menininho, acho que de dois anos e o outro de um aninho e pouco. Ela pôs o balai no pé de café e pôs os nenéns lá. Aí o grandinho estava chorando muito, ela viu um sapo, pegou o sapo, amarrou um barbante no pé dele, na perna dele e deu ao menino. Aí o menino brincou o dia inteiro com o sapo. E parou de chorar? Ah, mas depois o resultado foi muito triste. Ela amarrou o barbante, o sapo, ele saiu e rasgou o sapo. E ficou o dia inteiro. Foi de tarde, ela desamarrou o sapo. Não conseguiu desamarrar, arreventou o barbante. E ela foi embora pra casa, os meninos. Chegou em casa, deu banho nas crianças, os dois meninos. Eles dormia dentro de um balaio, no quarto. Na época a vida era mais difícil ai botava dentro de um balaio. Aí eles choravam à noite, tinham costume de chorar à noite. Acordavam muito cedo, cada manhã iam fazer isso. Aí a noite não chorou mais. Não estava tão cansado que nem chorou essa noite. Foi tomar café e ia mexer com o curral. Ela ficou na cozinha. Quando acabou de fazer o almoço, ela ia arrumar a marmita pra ir pra lavoura. Ela falou, vou lá chamar, acordar os meninos. Ele tá chegando do curral. Mas não acordou até agora não? Não. Aí ele foi pra acordar. Quando ele foi pra entrar dentro do quarto, o sapo pulou pra fora. Aí ele ficou... Ele só falou, olha, um sapo aqui dentro. E tinha um toquinho de barbante no sapo. Aí ele falou pra ela assim, mata. Ela falou, não mata não, coitado. Ele enterteu os meninos o dia inteiro. Não mata ele não, coitado. Aí ele pôs o sapo pra fora. Entrou no quarto, foram os dois meninos mortos. Aí, mexeu um menino mesmo. Quando ele mexeu com o pequenininho, ele já tava durinho. Aí ele ficou assustado e gritou com

ela. O que que foi? O sapo saiu daqui do quarto e fez um esborde. Ela falou, não tem como um sapo fazer esborde. Fez um esborde. Aí ela entrou correndo. E aí o marido já tinha despachado a manta dos meninos. Doeu. Todos os dois com uma gotinha de sangue no inbigo. E matou os dois meninos. Aí ficou desesperado. Chamou os vizinhos, juntou tudo e castou. Nunca mais achou o sapo. Aí perdeu os dois filhos. Aí essa trama ficou na roça lá. Ninguém brincava com o sapo, não. Se pegar um sapo, você mata ele. Não brinca com ele, deixa ele vivo, não. Que ele vinga.

P: Nós estamos quase terminando, viu? A senhora acha que lá na região da senhora diminuiu o córrego, floresta?

E.A: O córrego diminuiu. Floresta, não. O sapo diminuiu. E os corvos, que os corvinhos brejos passaram. Você não vê, não. Agora com esse chuvado você vê muita força d'água, né? Mas dizer que definitivo tem, não tem mais não.

P: E aqui, a senhora aprendeu sobre esse bicho com a mãe da senhora, com alguém? Ou foi lá na vida, na roça mesmo?

E.A: Minha mãe foi contar pra nós. Tem gente que conheceu.

P: Agora eu vou perguntar e você vai tentar identificar pra mim esse bicho aqui. É um sapo, uma rã ou uma perereca?

E.A: Esse é um sapo.

P: Agora vamos pro segundo. Essa vermelha aqui de cima é um sapo, uma rama perereca?

E.A: Não é bem assim, olha aqui. É a famosa rã pimenta, né?

P: É isso mesmo. E essa aqui de baixo?

E.A: É a rã.

P: Essa aqui o pessoal chama de rã manteiga. Ela escorrega, minha filha, igual o quiabo quando você vai pegar nela. Aqui, ó, esse aqui. É um sapo, uma rã ou perereca?

E.A: É sapo.

P: Isso! Esse aqui, é sapo ou rã ou perereca?

E.A: Esse aqui parece o quê, é perereca?

P: Isso! O que a senhora acha? Essa aqui, ó.

E.A: Esse é sapo. Não é, não? Eu acho que é sapo, pela cor parece que é sapo.

P: Esse aqui é uma rã, mas o pessoal conhece ela como sapo-bode. Porque ela faz assim, ó (som emitido). Agora eu vou mostrar a última aqui pra você. Vamos ver se a senhora sabe. Esse aqui é qual?

E.A: Isso é perereca, não?

P: Isso mesmo! Ó gente, eu queria agradecer.

E.A: A gente pega nela sem esperar pra dar um pulo. E dá um pulo na gente.

E aí você pede. Se bater no lugar aí que tem uma perereca, você pensava que era fedor. Fedor de ouro.

P: Olha só. Eu queria agradecer você por participar. Está me ajudando muito.

ANEXO D

TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) participante _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **Levantamento histórico regional da anurofauna: uma perspectiva da população de Ponte Nova – Minas Gerais**. Nesta pesquisa pretendemos realizar um levantamento de histórico regional sobre a anurofauna na região de Ponte Nova – MG, documentando o conhecimento popular desses animais por meio de entrevistas com a população local. O motivo que nos leva a estudar é o fator de observação da população local que se torna determinístico em locais que não foram realizadas pesquisas anteriores sobre anuros. Dessa maneira, além de contribuir com o conhecimento científico sobre a anurofauna pode auxiliar o preenchimento das lacunas temporais em uma análise histórica a respeito da biodiversidade local. O convite a sua participação se deve ao fato de ser morador da zona rural do município e estar mais próximo ao ambiente na qual esses animais são avistados com mais frequência.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: A sua participação consistirá em uma entrevista verbal com dezesseis perguntas a respeito dos anfíbios (sapos, rãs e pererecas) e uma identificação visual de alguns deles. Com seu consentimento a entrevista pode ser gravada e transcrita posteriormente para uso na pesquisa.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente trinta minutos, e do questionário aproximadamente quinze minutos.

Com seu consentimento as entrevistas serão gravadas em formato de áudio. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em possíveis constrangimentos durante as respostas. A pesquisa contribuirá para auxiliar na conservação ambiental da região e a preservação de espécies dos anuros (sapos, rãs e pererecas).

Para participar deste estudo, o voluntário sob sua responsabilidade, não terá nenhum

custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. O(A) participante tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou o(a) Sr.(a) de retirar seu consentimento e interromper a participação do voluntário sob sua responsabilidade, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição e do participante quando finalizada. O(A) participante não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. O nome ou o material que indique a participação do voluntário não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Ranário experimental da Universidade Federal de Viçosa e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a identidade do participante com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as

informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
contato _____,

_____, responsável pelo
participante

_____, autorizo sua
participação e declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa Levantamento histórico regional da anurofauna: uma perspectiva da população de Ponte Nova – Minas Gerais de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do Pesquisador Responsável: Oswaldo Pinto Ribeiro Filho.

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, no bairro Santa Clara, no município de Viçosa (MG).

Telefone:

(31)98880-1427

Email:

oribeiro@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa
Edifício Arthur Bernardes, piso
inferior Av. PH Rolfs, s/n –
Campus Universitário Cep:
36570-900 Viçosa/MG

Telefone:

(31)3899-2492

Email:

cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da **pesquisa Levantamento histórico regional da anurofauna: uma perspectiva da população de Ponte Nova – Minas Gerais**. Nesta pesquisa pretendemos realizar um levantamento de histórico regional sobre a anurofauna na região de Ponte Nova – MG, documentando o conhecimento popular desses animais por meio de entrevistas com a população local. O motivo que nos leva a estudar é o fator de observação da população local que se torna determinístico em locais que não foram realizadas pesquisas anteriores sobre anuros. Dessa maneira, além de contribuir com o conhecimento científico sobre a anurofauna pode auxiliar o preenchimento das lacunas temporais em uma análise histórica a respeito da biodiversidade local. O convite a sua participação se deve ao fato de ser morador da zona rural do município e estar mais próximo ao ambiente na qual esses animais são avistados com mais frequência.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: A sua participação consistirá em uma entrevista verbal com dezesseis perguntas a respeito dos anfíbios (sapos, rãs e pererecas) e uma identificação visual de alguns deles. Com

seu consentimento a entrevista pode ser gravada e transcrita posteriormente para uso na pesquisa.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente trinta minutos, e do questionário aproximadamente quinze minutos.

Com seu consentimento as entrevistas serão gravadas em formato de áudio. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em possíveis constrangimentos durante as respostas. A pesquisa contribuirá para auxiliar na conservação ambiental da região e a preservação de espécies dos anuros (sapos, rãs e pererecas).

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Ranário experimental da Universidade Federal de Viçosa e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
contato

_____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa Levantamento histórico regional da anurofauna: uma perspectiva da população de Ponte Nova – Minas Gerais de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do Pesquisador Responsável: Paula Aparecida Lopes da Luz
Endereço: Rua Independência, 47. Ponte Nova – Minas Gerais.
Telefone:
(31)971039543
Email:
paula.a.luz@ufv.
br

Nome do Orientador Responsável: Oswaldo Pinto
Ribeiro Filho. Endereço: Rua Independência, 47. Ponte
Nova – Minas Gerais. Telefone: (31)971039543
Email: oribeiro@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade Federal de Viçosa
Edifício Arthur Bernardes, piso
inferior Av. PH Rolfs, s/n –
Campus Universitário Cep:
36570-900 Viçosa/MG

Telefone:
(31)3612-2316
Email:
cep@ufv.br
www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador